

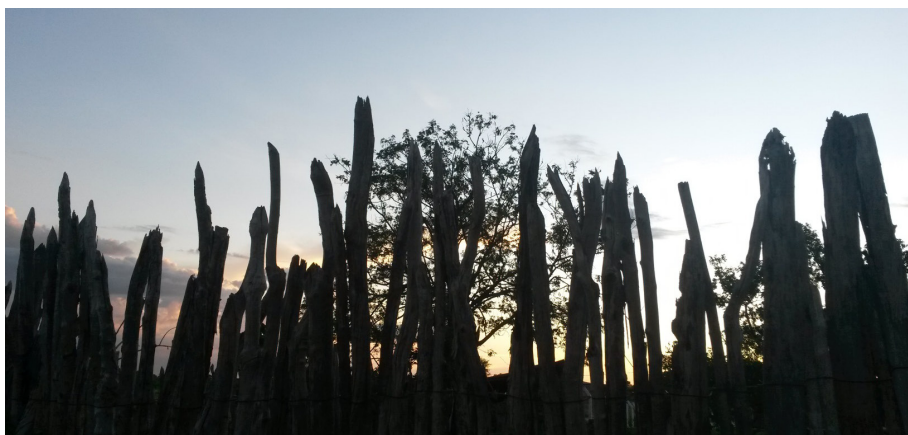
Henrique Magalhães

CERCAS QUE SEPARAM QUINTAIS



Henrique Magalhães

CERCAS QUE SEPARAM QUINTAIS



Marca de Fantasia
Paraíba, 2019

Cercas que separam quintais

Henrique Magalhães
2019



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180
marcadedefantasia@gmail.com
www.marcadedefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Editor/Designer: Henrique Magalhães

Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;
Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;
José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;
Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nilton Milanez - UESB;
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Capa: Beira do rio Palhano, Palhano, Ceará. Foto do autor
Foto de Darcy Magalhães: Maria de Fátima

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-5053-010-5

Para Alexandra, Maria e Rosa
pelos cuidados e carinho irrestritos.

Sumário



	Apresentação	6
1.	O quintal	8
2.	Essência da noite	13
3.	Telhados e sapotis	18
4.	Cheiro de jasmim	24
5.	À sombra das mangueiras	29
6.	Chão de estrelas	34
7.	Infame revolução	40
8.	À sombra etérea do pai	48
9.	Carnaval, carnavais	54
10.	A feira	60
11.	Frutos do mar	66
12.	Estrela Dalva	71
13.	Sabores do milho	78
14.	Através do escuro	84
15.	Do começo ao fim	92

Apresentação

Em 2014, a descoberta de um câncer em minha mãe mudou completamente a rotina em minha vida. Passei a me dedicar assiduamente a ela, fazendo-lhe companhia e dando-lhe a assistência que fosse necessária. Minha mãe era uma leitora voraz e gostava muito de conversar sobre as histórias que lia, bem como as de sua própria vida. A doença fez com que estreitássemos os laços, movidos pelo diálogo que passou a ser nossa constante.

Com o avanço da doença e a perda de concentração, a leitura tornou-se um sacrifício, quando não impraticável. Procurei nas livrarias obras dirigidas à terceira idade, que tivessem letras grandes, parágrafos curtos, breves histórias que pudessem ser lidas de um fôlego só, mas não havia nada do tipo. Sua memória fraca e a vista cansada não permitiam a leitura dos romances que se editam no mercado.

Resolvi, então, escrever contos seguindo as propriedades que achava que se adequavam a sua necessidade. O propósito era manter o contato com ela, que se mostrava cada vez mais ausente, estimular sua memória e dar um pouco de motivação para o pouco que lhe sobrava de vida.

Escrevi 15 contos curtos relatando episódios de minha infância em que falo de minha relação com ela, com meu pai e outros da família. Procurei dar um tom reflexivo sobre a estrutura social da época a partir de minha vivência e percepção de um mundo em momento de ebulição. Os primeiros contos cumpriram a intenção de estabelecer o diálogo.

Minha mãe deleitava-se com as histórias, que considerava fidedignas à realidade, ainda que para mim fossem absolutamente parciais.

Os últimos contos já não contaram mais com sua atenção, a doença não lhe deixava mais que em um estado quase vegetativo, um corpo presente e uma alma que se evadira. O conjunto desses contos é um recorte muito pessoal, mas extrapola o relato apenas memorialista ou biográfico. Neles são abordados elementos culturais, hábitos e costumes de um período único de nossa vida cotidiana.

H. Magalhães

I

O quintal



Aos 12 anos não se tem muita precisão das coisas, ao contrário, tudo é novo e surpreendente. Cada descoberta, cada detalhe do que lhe contam, cada experiência adquire uma dimensão desproporcional com o que é realmente vivido. Quem não se surpreendeu ao voltar ao local da infância e constatou que tudo agora parece diminuto? Tudo é perto, é simples, é ordinário, ao invés da realidade fantástica que assoma a mente da criança. A rua de terra agora é de pedra, as casas, parece, encolheram, a bodega da outra quadra não é mais tão distante como que fazia nossa caminhada até lá se transformar em um desafio. Que pena!

O quintal de minha tia escondia um mundo a ser descoberto. Ao passar defronte, na praça principal da pequena cidade, não se podia vislumbrar o que havia por trás de uma fileira de casas conjugadas. De forma inimaginável, exceto para os que nelas viviam, essas casas simples escondiam um vasto canal que circundava toda a cidade e chegava ao limite de seu quintal.

Tia Dalvinha era esposa do juiz da cidade, tinha uma altivez que correspondia ao status ostentado pelo marido. Era das poucas que tinha carro, um Jeep de campanha com capota de lona e bancos laterais na carroceria. Com esse carro "pé-duro" e utilitário ela nos visitava nos finais de semana, partindo de Cruz do Espírito Santo. Essa pequena cidade suburbana localizada a cerca de 30 km da capital paraibana era servida por uma estreita estrada carroçável, que cortava como uma fenda todo o percurso margeado por denso canal.

O passeio quase habitual que minha tia fazia com o marido e os dois filhos à praia era uma aventura que mostrava a força com que lidava com a vida e a estrutura familiar. O marido resolvia os problemas jurídicos da cidade, ela se encarregava das lides do lar com a autoridade de quem realmente detinha o poder de decisão. O Jeep também estava sob seu comando, pois era a única a dirigi-lo, assumindo o excêntrico papel que convencionalmente cabia ao homem.

A casa de minha tia não tinha jardim; o primeiro quarto, a sala e o terraço começavam justo no limite da calçada. O terraço, que acompanhava toda a profundidade da sala, servia também de garagem. Era uma casa de teto alto, confortável para os padrões locais, com duas salas, três quartos, escritório e ampla cozinha, além de um terraço que dava para o quintal. Não tinha espaços laterais, já que todas as casas da rua eram geminadas.

Desde muito novo, costumava passar as férias na casa de minha tia, assim podia estreitar a relação com meus primos e sedimentar os laços familiares. A cidade interiorana era outro mundo, em tudo diferente do que vivia em meu dia a dia. Lá, dividia um quarto com os primos. Júlio era mais velho um ano; Roberto, um ano mais novo que eu. A idade aproximada facilitava nossa convivência, mas por estar deslocado de meu meio, era naturalmente mais impactante para mim que para eles a troca de experiências.

Durante o dia, sem que dessem conta, gostava de mexer nos objetos guardados na escrivaninha de meu tio. Tinha livros e cadernos, além de caneta tinteiro e mata-borrão, havia coisas que emergiam de um passado distante, de um universo desconhecido. O escritório escuro e os móveis pesados passavam uma atmosfera de mistério dos velhos baús guardados.

Contudo, era o quintal o lugar que me excitava a imaginação, seja durante o dia, ao contemplar o que estava além de seu limite, seja à noite, onde contávamos histórias de assombração. O espaço tinha cerca de 20 metros de profundidade por 10 metros de largura, era cercado com varas finas e irregulares, que serviam mais para delimitação que para proteção.

Tinha fruteiras diversas: limoeiro, goiabeira, coqueiros, mangueira; mas o que me chamava a atenção eram as trepadeiras que enramavam pela cerca. O pé de “bucha” era o mais curioso, ao lado do melão caetano. A bucha, usada para a limpeza da louça, era uma espécie de uma fibra natural trançada no formato de um pepino. Uma pequena horta servia às urgências culinárias, não que fosse realmente necessária. Galinhas, patos e guinés circulavam com desenvoltura e estardalhaço, sem qualquer confinamento. Havia até

mesmo uma vaca, mas no quintal do vizinho, que nos servia o leite quente do peito nas manhãs orvalhadas.

O quintal tinha sua magia, seu encanto rural, que contrastava com meu cotidiano urbano. Histórias de almas e contos de assombração estimulavam nossa fantasia ao cair da escuridão. Gostávamos, eu e meus primos, dessas tensões que se erigiam sobre a credulidade infantil. Não faltavam relatos com toques de terror sobre a "mula sem cabeça", ou a "bola de fogo", espécie de fogo-fátuo que pairava sobre o canavial. Mas a personagem mais inquietante era, sem dúvida, a "comadre fulozinha".

Numa adaptação à cultura local, a comadre fulozinha, tida como espírito das matas, passou a assombrar a imensidão do canavial sempre que provocada por um assovio ou quando se falava palavras. Servia para punir os caçadores nas matas ou as crianças peraltas, dando-lhes uma surra com seu imenso cabelo. Comadre fulozinha estava sempre presente em nossas conversas e apreensões. O quintal de minha tia era uma porteira aberta para o domínio desse espírito impertinente.

A cerca do quintal fazia limite com o imenso canavial, a perder de vista, que se espraiava até as colinas longínquas. Um mar verde que jogava suas franjas ao vento; parecia impenetrável, como o mais profundo dos oceanos. Contavam-se histórias de pessoas que entraram no canavial e sumiram na imensidão. Os pés de cana crescem acima da estatura humana e uma vez no meio, perde-se referência de espaço e direção.

O que me encantava no canavial era o balançar suave de seus pendões. A cana, antes do corte, quando madura, ostenta um belo pendão, um penacho brilhante e maleável. Meu desejo era vê-los de perto, tocar, possuir um daqueles pendões. Tinha os móveis como

meus brinquedos prediletos; os pendões eram como um deles, com seu movimento imprevisível e renovador.

Certa feita, estava só, observava o canavial na cerca que o separa do quintal. Era final da tarde. Numa atração irresistível, decidi entrar no ventre da onda verde para arrancar-lhe o cobiçado pendão. Havia vários a alguns metros, movimentando-se em dessincronia atizada pelo vento, num ritmo hipnótico e sedutor. Atrevi-me nessa aventura.

Com dez passos estava completamente perdido, era verde por todo lado, só pés de cana a fechar o horizonte. Caminhava sem rumo num fundo de mar seco coberto de palha. Ainda que não estivesse submerso, faltava-me ar. Fui tomado pelo desespero, não sabia que direção tomar para voltar para casa. A noite começava a cair. No desamparo, pensei em bolas de fogo, em mula sem cabeça, em comadre fulozinha. Por certo era uma das artimanhas dela. Na escuridão, como iriam me encontrar?

Num vislumbre inesperado, avistei um coqueiro solitário no meio do canavial. Era o que precisava. Corri por entre as palhas de cana, que cortam como navalha. Subi o quanto pude no tronco do coqueiro para ter a visão ampliada. Extasiado e aflito, contemplei o vasto canavial. Não pude deixar de admirar o quanto era lindo do alto. Vi também o quintal de minha tia e a direção a seguir.

O pavor pode nos assaltar de várias maneiras. Há aqueles de brincadeira, que nos provocam calafrio, como deixar-se assombrar pelas histórias sobrenaturais que se conta em rodas de amigos em noites escuras. Mas há o pavor real, que nos joga no limite do emocional. No quintal de minha tia gostávamos de levar susto e brincar com as histórias de mulas sem cabeça e outras fantasias. Mas era por trás das cercas que separam quintais que se abria para mim um mundo realmente assustador e fascinante: o mar do canavial.

2

Essência da noite



Um cheiro doce e acre é o que me faz recordar de forma mais vívida a primeira noite como homem, ainda que não passasse de um menino. Era uma essência de perfume barato, desses vendidos nas prateleiras de supermercado, que impregnavam o corpo de Mazinha ao sair à noite para seus encontros furtivos.

Mazinha era uma mulher baixinha e rombuda, dessas que hoje diríamos estar acima do peso, mas que à época isso não tinha a menor importância nem para ela, nem para mim, tampouco para meus primos ou para todos os rapazes do bairro; ao contrário, essa forma generosa de carnes abundantes e macias era o que acalentava confortavelmente o prazer. Na cultura machista e classista de então, Mazinha servia para os moleques darem vazão aos instintos sexuais em flor, desfrutando do viço pujante dessa mulher que se permitia ao desfrute.

Empregada doméstica de minha tia, “pau para toda obra”, Mazinha morava no local do trabalho, o que na prática significava estar à disposição a qualquer hora. Como ocorria a muitas meninas e moçoilas interioranas, sair do sítio ou das periferias urbanas era talvez o único recurso para ter uma vida mais confortável, ainda que pagasse em trabalho um custo deveras alto. Mazinha chegara ainda viçosa na casa de minha tia, onde trabalhou por cerca de dois anos.

Tia Dalvinha era dessas mulheres imperiosas, com ares de senhora de engenho. Como nos casarões da burguesia rural, sua casa, que nada tinha de majestosa, reproduzia a segmentação que distingue as classes sociais, com áreas reservadas à família, outras à criadagem. Ela vivia um jogo de aparências e vaidade que se chocava com a realidade. Minha tia não passava de uma mulher mandona e abusada, que gostava de contar com a empregada sempre pronta a lhe servir.

Tia Dalvinha vivia há alguns anos na capital com os filhos, Júlio e Roberto, que vieram cursar o ensino médio. Moravam em uma casa grande e afastada, a meio caminho entre o urbano e o rural. O terreno era enorme, praticamente um sítio que abrigava todo tipo de árvore frutífera. Tinha jaca e fruta-pão, araçá, manga, goiaba e uma infinidade de ervas medicinais. Havia mesmo um cafeeiro, cujos grão eram colhidos, torrados e pisados num antigo pilão de madeira.

Os limites da casa-sítio de minha tia se perdiam em um matagal que chegava às margens de um riacho raso margeado por lajedos, onde as lavadeiras batiam suas roupas. O córrego no fundo do vale delimitava a fronteira com o Varjão, um bairro pobre e periférico da cidade.

Esse modo de vida absolutamente excêntrico, apartado da urbanidade, das ruas calçadas com pedras onde eu vivia, me encantava. Ir à casa de minha tia nos finais de semana era uma viagem. Desbravar

seu universo me proporcionava estranha nostalgia bucólica de uma infância remota, levava-me a um surpreendente mundo de aventuras.

Até lá, era uma caminhada de 3 km que eu fazia muitas vezes sozinho – ainda era possível explorar a cidade sem temer a violência – ou com meus pais, que costumavam visitá-la em seu recolhimento. Meus primos faziam parte de minhas descobertas, por preservar um jeito interiorano marcado pela promiscuidade com a natureza, hábito que não se tinha ordinariamente na cidade.

Não tinha mais que 14 anos e meu corpo mal sofrera as transformações da puberdade. Assaltava-me a curiosidade das brincadeiras insinuantes que os primos já se permitiam com a fogosa Mazinha. Apesar de sermos ainda meninos, as conversas eram de rapazes, entre provocações libidinosas e um erotismo precoce que tinha mais de afirmação de masculinidade que verdadeiro tesão.

Mazinha, mais velha que todos nós, achava graça de todo aquele assanhamento e retribuía as provocações com malícia desafiadora. Afinal, para quem já tinha uma vida mundana de prazeres, que restrição faria em se mancomunar com os filhos da patroa? Mazinha era assim, um bom humor, uma simpatia contagiante que suplantava com leveza a condição de semianalfabeta e trabalhadora mal remunerada.

Meus primos eram, sem dúvida, bem mais espertos que eu. Sua infância livre nos campos do interior, entre partidos de cana e histórias de sexo sem cabrestos, lhes serviu para a iniciação precoce que só nessa altura eu começava a ter.

Tido como bobo, aflorava-me a necessidade premente de ter experiências de homem. Quão tenso foi esse tempo para mim! Em minha ingenuidade, mal sentia a pulsão do sexo, que já inflamava o imaginário e o desejo de meus primos. Mais que provar algo a eles,

era a mim mesmo que me assombrava o desafio de também fazer parte das brincadeiras eróticas de Mazinha.

Decidira tomar a iniciativa. Sem alarde, sem antecipar qualquer movimento aos primos, aproveitei um momento oportuno para uma aproximação. Mazinha, com graça, topou uma saída noturna, discretamente, como quem firma um pacto de sedição.

O dia correu nebuloso. Enrubescia cada vez que lembrava o que iria fazer. Uma excitação incontrolável tomava conta de meu corpo e agitava minha mente. Algumas questões concretas me assolavam. Aonde iríamos? Como seria? O que teria que fazer?

Muito superficialmente eu tinha noção do que era o sexo e seu balé sincopado que pode levar ao gozo. Minha ânsia não dizia respeito aos gestos, mas à desconhecida energia fantasmagórica da libido que produz o desejo, à emoção imprescindível que conduziria o ato.

Passava o final de semana na casa de minha tia, como o fizera muitas vezes. Furtivamente, sem que os primos percebessem, saí à noite para ter com Mazinha na beira da mata. Tudo era escuro e desconhecido para mim. Ainda que tenso e espantado, deixei-me levar sem receio, ela era habituada nesses embrenhamentos noturnos. Entramos na mata pelas trilhas traçadas por outros amantes.

A noite escura se fundia nos olhos negros de Mazinha e temperava sua pele sedosa. Ao chegar em uma pequena loca de vegetação rasteira, Mazinha tirou a saia que a cobria até os joelhos e atirou-a no chão, deitou-se e me puxou delicadamente para seus braços. Com sofreguidão, baixei a bermuda, a cueca e mergulhei em suas coxas voluptuosas.

Um cheiro forte de sexo e de essência adocicada invadiu-me as narinas do mesmo modo que eu penetrava em suas entranhas. Não faltou tesão para meu sexo de menino, mas um turbilhão indistinto de agonia e prazer inflamava meu corpo e transcendia minha alma.

As carnes quentes de Mazinha contrastavam com sua vulva úmida que me levaria ao êxtase, prazer extremo que desde aquele momento nem sei se realmente me acometeu. Mais que o gozo, saltava-me a necessidade de me fazer homem, de ter afinal desaguado num corpo de mulher.

Mazinha curtiu tudo sem dizer qualquer palavra. Havia satisfação em seu rosto, mais por entender minha hesitação de iniciante do que pelo prazer que deveras teve. Do jeito que começou, terminou, num supetão, de modo que, de repente, nos vimos mais uma vez vestidos. Caminhamos pelas trilhas da mata e nos separamos na boca da rua.

Entrei em casa ofegante, emocionado e esperto. Encontrei meus primos no terraço. Logo perguntaram por onde andei. Falei que tinha saído com Mazinha, que acabávamos de fazer sexo. Olharam-se incrédulos e queriam uma prova. Não sabia o que dizer, toda a situação não se traduzia em palavras. Júlio então me pediu para mostrar os cotovelos. Mostrei.

Estavam ainda sujos de terra por tê-los apoiados no chão. Na pressa para recompor-me, não tinha me dado conta nem sentido qualquer incômodo pela terra grossa encrustada nos braços. Foi o suficiente para confirmar aos primos que naquele momento havia se realizado a primeira noite de um homem.

3

Telhados e sapotis



Vivi a primeira infância e parte da adolescência, na década de 1960, no número 72 da Rua Lourenço Fernandes, no limite entre o Centro de João Pessoa e o bairro da Torre. Era uma rua pequena, sem calçamento, que servia de acesso a duas avenidas paralelas. Curiosa era a nomenclatura de minha rua: em uma esquina havia uma placa com a inscrição “Lourenço Fernandes”, na outra, “Lorenzo Fernandez”, sugestivamente um nome espanhol. Ficava ao gosto de cada morador designá-la como queria, mas imagino que isso deva ter dado alguma confusão com os carteiros e as visitas. A divergência sutil era fruto do desenvolvimento urbano um tanto espontâneo da cidade ou mero descuido da burocracia municipal.

Morava em uma casa modesta, financiada pelo BNH. Para quem tem estrada, sabe que se trata do extinto Banco Nacional de Habi-

tação, que tinha um programa parecido com o “Minha casa minha vida” de hoje, mas com perfil menos assistencialista, regido pelas normas do mercado. Ao final, com o esgotamento dos governos militares, que se impuseram com a cumplicidade da elite nacional, o BNH entrou em colapso pelo próprio sistema administrativo que criou. A rentabilidade baseada em reajustes das prestações indexadas pela inflação e outros índices de correção tornou impraticável a quitação ou mesmo o pagamento das mensalidades dos imóveis.

Diferentemente dos conjuntos habitacionais planejados, havia outras casas nas redondezas semelhantes à nossa, mas ocupando terrenos avulsos, não conjugados. Era um projeto de edificação não sistemático, que mantinha uma planta padrão por economia e para facilitar o modo de produção.

Recordo-me vivamente dos cômodos de minha casa: terraço, sala, dois quartos, banheiro e cozinha, tudo muito compacto, para abrigar um pequeno núcleo familiar. Com o tempo e o crescimento da família, ganhou um quarto enorme; a cozinha tornou-se uma pequena passagem; construiu-se uma nova cozinha conjugada a uma sala de refeições ornada de cobogós até o teto, que mais parecia um terraço voltado para o quintal. Na área externa dos fundos, uma lavanderia e mais um banheiro e um quarto, como dependências de empregada.

O que havia de harmonia no projeto inicial perdeu-se com as ousadas arquitetônicas de meu pai. Sem se importar com resultados estéticos, estava mais preocupado com a funcionalidade de abrigar toda a família e agregados. A casa tornou-se desproporcional para o terreno de 15x20m que a abrigava. Perdemos uma passagem lateral com a construção do quarto grande, que aparentava um galpão, chegando a conjugar-se com a casa vizinha. Mas restou espaço suficiente para se ter algumas árvores.

A rua de terra batida nas imediações do Centro era um retrato do tacanho desenvolvimento urbano da cidade. Não se tinha saneamento nem iluminação pública adequada. Estávamos em uma faixa de transição entre a civilidade e a pobreza da periferia, que a essa altura era o bairro da Torre. Além da Torre só havia sítios e áreas descampadas. Outras habitações pontuavam na distante orla, onde havia uma ou duas colônias de pescadores e poucas casas de veraneio.

Mas o modo provinciano e pacato da cidade nos permitia a liberdade de viver na rua, em nosso pequeno mundo circunscrito à vizinhança. Toda ameaça que se tinha, induzida pelos pais para seu controle, eram os míticos papafigos, que roubavam crianças para macabros fins.

Uns diziam que esses seres eram pessoas doentes, que para remediar sua dor matavam por necessidade, para comer o fígado. Outros, que as crianças seriam mortas para que os órgãos fossem usados em transplantes. Essas histórias horripilantes serviam para aterrorizar os menores. Nunca devíamos nos aproximar de estranhos, muito menos de quem oferecesse balas e outras guloseimas. Para mim, não passava de invenção, mas estou certo que tinha efeito assombroso sobre a maioria das crianças.

A rua era um campo de diversão e batalha, com a “reca” de meninos e meninas aprontando em seus momentos de lazer. Brincava-se muito e seguíamos as modas da ocasião. Ora era jogar pião, ora baleado, garrafão, barra-bandeira, andávamos de bicicleta, ouvíamos música no rádio-gravador de fita cassete, soltávamos pipa. Era muito divertido correr atrás de tanajuras, quando as pesadas chuvas de inverno cediam espaço aos finais de tarde amenos e ensolarados. A meninada vivia em festa, mais parecia uma revoada de andorinhas

gritando e correndo em movimentos desencontrados. Quase sempre tudo acabava em grande confusão.

Apesar de me brincar com as outras crianças na rua, era no quintal de casa que me sentia confiante. O quintal, em si, era muito pequeno, delimitado pelos projetos estrambólicos de meu pai. Mas dispúnhamos de parte das laterais, espaço suficiente para algumas frondosas árvores frutíferas.

No lado direito um abacateiro garantia as encorpadas vitaminas feitas por minha mãe ante de irmos à escola. Os abacates eram enormes e o pé dava abundantemente. Ficava fascinado a ver a floração, acompanhar o crescimento dos pequenos brotos; dos que caíam precocemente, fazia burrinhos com palitos de fósforo, qual patas. Não dava para subir no tronco grosso, mas era possível pegar os abacates dos galhos mais baixos. Com ansiedade, aguardava o amanhecer para colher os frutos que caíam à noite e forravam o chão.

Do outro lado havia dois pés de sapoti. Precisamente, um era de sapota, outro de sapoti, diferença que meu pai fazia questão de realçar. O sapoti é uma fruta pequena, de pele marrom aveludada que lembra um kiwi; já a sapota é bem maior e carnuda, chegando a pouco mais que o tamanho de uma bola de tênis. Afora essa particularidade do formato, o sabor era o mesmo: um delicioso fruto exótico e aromático que colhíamos no pé e que impregnava nosso quintal no auge da safra.

Da janela do quarto passava horas olhando o pé de sapoti. Horas é maneira de dizer, não saberia contar o tempo que levava deitado na cama absorto em divagações. Para um menino há que relativizar a textura do tempo; poucos minutos podem mesmo representar horas, pois não há régua para medir pensamento. Em algum momento eu sabia que seria impelido a evadir-me concretamente, não apenas em minhas ilações.

Um de meus grandes prazeres passou a ser subir no pé de sapoti. O tronco fino e os galhos fartos facilitavam a escalada, que considerava sem risco. De início, ia buscar as frutas maduras nas ramas e no olho do pé, logo descobri algo mais excitante e desafiador. Dos galhos era possível subir no telhado da casa, onde passei a enxergar um mundo estranho a pedia para ser explorado.

Quando sumia e ninguém dava por mim, estava no telhado. Subir no sapotizeiro e caminhar a esmo pelo telhado, por um tempo, tornou-se meu refúgio e diversão. Destelhava partes da casa para ver o que guardava o espaço escuro entre as telhas e o forro de madeira. Não via mais que um ambiente sombrio, úmido e cheio de poeira. Com esperteza, aprendi a recompor o telhado em seus encaixes precisos e escalonados para não deixar rastros nem goteiras.

Com o tempo, circulava com desenvoltura por toda a cobertura da casa. Imprudente, chegava aos beirais sem medo de que as telhas deslizassem e viessem comigo abaixo. Conheci um terreno árido e quase sempre uniforme, mas, por fim, não me satisfiz em explorar as duas águas que cobriam minha casa. Passei a explorar os telhados dos vizinhos subindo pelas paredes conjugadas.

Não sei que graça via nisso, mas fazia todo o sentido. Algo me atraía bem mais que o desafio de escalar o topo de meu mundo. Gostava da altura, de ver tudo por cima, de enxergar longe, de ampliar os limites do horizonte. Balões, pipas, pendões, tudo o que se projetava para o alto, tudo o que tendia a crescer, ascender, me parecia grande, forte, impertinente e sem fim. Sem ter consciência exata disso, esse sentimento me invadia e me enlevava quando estava a vagar pelos telhados.

A pretexto de recolhimento, quando não queria ver nem falar com ninguém, era no telhado que encontrava abrigo. Ficava lá sentado

em um canto, solitário. Deitava, olhava as nuvens e os pássaros, deixava o tempo passar, serenava a alma, reencontrava a paz. Só então descia, renovado, aliviado da confusão que me assolava o pensamento. Algo me inquietava, que não sabia. Achava que talvez esse sentimento fosse próprio dos meninos. Mas, diferentemente deles, não via ninguém se refugiar nos telhados como eu. Era esse um segredo só meu. Minha fantasia.

4

Cheiro de jasmim



Minha aventura atabalhoada com Mazinha foi um acontecimento único, foi algo tão passageiro quanto sua temporada na casa de minha tia. Não era comum as empregadas ficarem muito tempo lá, quase nenhuma aguentava o braço forte dela, que tirava o fôlego e a pele das coitadas.

Durona, tia Dalvinha não media palavras na hora de criticar, não usava meios termos, falava sempre com muita sinceridade. Não era uma pessoa má, chegava a ser muito prestativa e célere ao ajudar os outros, por vezes até benevolente, mas também tinha seu enfezo e vaidades. Meu pai dizia que a postura de minha tia, nem um pouco flexível, guiada por uma objetividade extrema, invariavelmente feria as pessoas, o que não lhe parecia conveniente.

Esse traço de personalidade não raro voltava-se contra ela, que ficava aflita em busca de pessoas para trabalhar em sua casa. O recurso mais fácil era trazer uma menina do interior, principalmente da cidade do Cruz do Espírito Santo e arredores, onde tinha vasto conhecimento e alguma autoridade. Foi o caso de Mazinha, que viera para passar um tempo com ela e ficou o tanto que pode suportar.

A única vez tive com Mazinha foi suficiente para a vivência que desejava. Como um rito de passagem, tinha cruzado o limiar entre a ingenuidade de menino e a malícia de rapaz. Mas não seria esse contato fortuito que me faria um homem. Continuava o mesmo menino com os sonhos e incertezas, com a pureza e o desejo de não deixar perder-se as coisas da infância que a passagem de tempo iria irremediavelmente apagar.

A visita à casa de minha tia era frequente, mas dessa vez resolvi afastar-me um tempo. Não sabia bem como encarar meus primos, como fazer parte daquele universo machista guiado para um erotismo precoce e desmesurado. Incomodava-me, também, minha relação com Mazinha. Certo pudor me dominava a alma, sabia que nada me ligava a ela, mas me perturbava tê-la feito de objeto de minha aventura sexual.

Talvez temesse a cobrança pela continuidade do ato, por mais e melhor desempenho, o que me assustava. À altura não considerava o lado de Mazinha nessa história, o que eu lhe poderia ter significado. O fato de ter se dado sem cobrança, com generosidade, me fez para sempre um devedor, ao oferecer-me a oportunidade dessa transição sem trauma.

Não vi mais Mazinha depois daquele dia e isso me deu um sentimento de perda, mas também de alívio. Minha tia, sem ter ideia do que os filhos aprontavam nas alcovas, encarregou-se de dispensá-la,

girando mais um eixo do moto contínuo de empregadas que não estavam à altura para servi-la.

Para mim, o que restou de Mazinha foi uma lembrança um tanto quanto vaga e agradável. O cheiro embriagante de seu perfume colou-se em meu nariz e vez ou outra me pegava dando conta de sua presença entre as pessoas na rua. Era um cheiro doce de perfume barato de penteadeira, mas que causou enorme impressão afetiva em minha memória.

A percepção do cheiro foi algo muito comum em minha vida, o que certamente não se constitui em nenhuma excepcionalidade. Minha reação, sim, é que era incomum, ao menos entre a garotada. Nunca via nenhum menino encantar-se com o surpreendente odor que exala depois de uma pancada de chuva. Isso me parecia mágico, como uma reação química inesperada que emanava uma sensação agradável de terra molhada.

Mas o que mais me enlevava era o cheiro de jasmim que se espalhava por sobre os muros das casas nas noites orvalhadas. Seu Meinardi, nosso vizinho, tinha um casarão de esquina repleto de plantas frutíferas e de um majestoso jardim. Depois das brincadeiras da meninada na rua, pouco antes da janta, quando todos se recolhiam a suas casas, era nos arredores do muro de seu Meinardi que sentia com prazer o transpirar do jasmim, que jorra seu frescor sempre à noite, entrando pela madrugada.

Seu Meinardi era o chefe – como se dizia então – de uma família grande, vivia com a mulher e uma dezena de filhos. Era um intelectual respeitado, tanto quanto comedido. Voltado às Ciências Naturais, era professor na Escola de Agronomia da cidade de Areia, no Brejo paraibano, o que o tornava, pela ausência em nosso meio, uma

figura misteriosa e quase inacessível. Falava pouco, tinha uma timidez absoluta, mal convivia com as pessoas de nossa rua.

Quase toda a família de seu Meinardi era volumosa, com o peso acima das medidas, o que demonstrava uma vida farta e abastada. Em contraste com a simplicidade de minha família, a de seu Meinardi ostentava a maior casa da rua, a única com sobrado, que se projetava por sobre a garagem. Muitas plantas decorativas e medicinais, palmeiras e árvores cercavam-lhe a casa margeando os alpendres largos em arcos, no grande terreno que parecia uma chácara.

Meinardi não era um nome comum, tratava-se de mais uma das características excêntricas que ocorriam em minha rua, no caso a nomear homens que pareciam incomuns. Havia em frente a nossa casa um russo chamado Gregory Romanick, homem forte e avermelhado que denunciava na aparência sua estrangeirice. Outro se chamava Mirócem, que com uma sobriedade burguesa contrastava com a humildade de outros moradores da rua.

Ao lado morava Walt Disney, que chamávamos apenas por Valter, para simplificar. Era um sujeito boa pinta, talvez o mais bonito da rua, mas também o mais ordinário. Por um tempo admirei-o pelo nome, por curiosamente lembrar o autor mítico de alguns de meus personagens de quadrinhos favoritos.

Não raramente o mal denominado Walt Disney chegava em casa meio alto e descontava as frustrações na mulher. Era um constrangimento as surras que ele dava na dona de casa dedicada, que era sua esposa, mas que também era uma megera indomada. Seus apelos para que não batesse ressoavam em cada parede das casas, em cada muro, em cada peito dilacerado das outras mulheres. Eu ficava horrorizado com o que ouvia, as palmadas, chineladas e chibatadas, os gritos desesperados da mulher, cuja honra resultava mais ferida que

o couro rijo. Era uma barbárie que vergonhosamente contava com a omissão natural dos homens. Imperava a lei de que em briga de marido e mulher não se mete a colher. Hoje poderia metê-lo na cadeia.

Mais adiante tínhamos um sujeito chamado Hitler Cantalice, cujo nome era o testemunho de uma origem familiar de gosto e entusiasmo político deploráveis, mas não menos que do estranho vizinho da frente, seu Clodoaldo, um coronel do exército de hábitos quase enigmáticos. Em plena ditadura militar, fora fazer um curso de especialização nos Estados Unidos, país que disseminou o terror em terras de nossa América.

Não seria justo falar dos nomes excêntricos dos homens da rua Lourenço Fernandes sem citar o de Ulrico. Teria sido fruto de alguma promessa maldita? Igual ao dele, conhecia apenas o de um orfanato, chamado Dom Ulrico, que se situava a meio caminho entre minha casa e a de minha tia, por onde sempre passávamos. Soava mal e até hoje custa-me dizer, mas não dava para evitar, era o nome de meu pai.

Ulrico era austero, tradicionalista, cujo papel de gênero estava perfeitamente determinado. Trazia consigo toda a carga machista do homem formado na primeira metade do século 20, com o rigor autoritário e bélico que o mundo lhe impusera. Como boa parte dos homens de sua geração, tinha apreço particular à hierarquia militar, que dava ordem às coisas e definia seu lugar no mundo. Um dia o sistema cobraria seu preço.

5

À sombra das mangueiras



Maria do Socorro chegou bem nova à casa de tia Dalvinha. Menina taluda, estampava a ingenuidade no rosto de quase adolescente. Vinha de uma comunidade embrenhada entre os canaviais e o resto de mata atlântica nas cercanias de Cruz do Espírito Santo para prestar serviços domésticos. Não era exatamente um emprego, não havia ainda o reconhecimento desses préstimos como trabalho formal. Era um tipo de troca de bem-estar pessoal por mão de obra desqualificada.

Corrinha – como chamavam a moleque – era parda de pele clara e cabelo revoltado. Estar na casa de minha tia lhe proporcionava um salto evolutivo, ainda que para chegar a isso não passasse de mero serviçal. Deixara o isolamento do sítio, a vida permeada de todas as carências, para desfrutar a comodidade da casa de Dr. Reginaldo, o

juiz da cidade. Corrinha sabia, ou tinha a intuição, que seu mundo não podia se restringir aos alpendres de terra batida, à sombra frondosa das mangueiras que cobriam seu terreiro.

Embora simples e conjugada, a cada do Dr. Reginaldo mostrava certa imponência. Situava-se em frente à praça principal da cidade, era das poucas que tinham garagem, que na verdade não passava de um terraço que ladeava a casa. Para Corrinha, o lar que a acolhera era um verdadeiro palacete, com teto alto, vários cômodos e amplo quintal. Da janela da sala, entre um e outro trabalho, ela reparava animada o movimento da rua, as crianças a brincar na praça, a vizinhança que a olhava com desinteresse.

Estar em Cruz do Espírito Santo significava mais que desfrutar do conforto de que não dispunha em sua própria casa. Na sede do município ela podia conhecer o mundo – que na verdade não era maior que as duas dezenas de ruas da pequena cidade – e principalmente estudar, motivo principal que a fizera mudar-se para a casa de minha tia.

É difícil mensurar a capacidade que as pessoas têm de sonhar. Um, com tantas possibilidades, levam uma vida medíocre e previsível, limitada à ignorância e ao imobilismo. Outras, imersas na precariedade de seu mundo, agendam forças de crescimento e transformação. Assim era Corrinha. Em sua inquietude juvenil buscava o salto qualitativo para uma nova vida, ainda que por caminhos possíveis da humildade e servidão.

Logo foi acostumando-se à casa, tomando gosto, sentindo-se à vontade, antecipando-se aos mandos de minha tia Dalva. Não demorou para que se tornasse quase membro da família, a filha que Dr. Reginaldo quisera ter e que dona Dalva não conseguiu ou queria lhe dar. Se para Corrinha essa imersão na vida familiar trazia benefi-

cios, para minha tia significava a comodidade oportunista de dispor de alguém que se desdobrava num faz-tudo sem receber qualquer remuneração. Essa ambiguidade de filha e empregada grassava os lares abastados até há pouco, antes que se tivesse feito a transição da vida rural para a urbanidade.

Corrinha era uma menina vivaz e cheia de ambição, mantinha o foco naquilo que mais lhe traria proveito. Aprendia rapidamente os afazeres domésticos sob o comando firme, quase autoritário, de minha tia. Não era dada a namoros, não se permitia aos devaneios da idade. Tudo o que queria era espelhar-se na altivez de minha tia e progredir nos estudos, a que se dedicava com rigor.

A fidelidade servil de Corrinha tinha recompensas. Não lhe faltavam agrados de tia Dalvinha, que não a cobria de luxo, mas não lhe deixava nada faltar. Dormia em um dos cômodos da casa, o que lhe dava status de membro da família, comia à mesa com o casal e os filhos, que a tinham quase como uma tia. Soube conquistar seu espaço, sem nunca fugir às obrigações. Lavava, passava, cozinhava, arrumava a casa. O tempo, se lhe sobrava, dedicava a estudar, e a se arrumar, que lhe restava também um pouco de vaidade.

Com 10 anos, passei minhas primeiras férias na casa de tia Dalvinha. Conheci Corrinha já moça desabrochada, as carnes rijas e pulsantes, bem diferente do menino que eu era. Tinha um ano a menos que meu primo Júlio e um a mais que Roberto. Apesar de ter convivido com eles nos veraneios na praia de Manaíra, na infância, só nessa época comecei a descobrir os parceiros com quem iria passar as longas férias escolares.

Cruz do Espírito Santo fica a apenas 40 km da capital, onde eu morava, mas os primos me mostraram, com sua espontaneidade, as pequenas diferenças no modo de agir e falar que contrastavam com

meu mundo um pouco mais urbanizado. Reparava no jeito deles com curiosidade e discrição, jamais fazia comentários que tornassem evidentes quaisquer valores ou comparação.

Entre brincadeiras na rua e nos quintais, histórias de assombração, banho no rio Paraíba que margeia a cidade, o lanche com ponche e biscoitos sortidos no final da tarde nos trazia a presença de Corrinha, que se fazia incontornável sempre que nos encontrávamos em casa. Para mim, ela era uma estranha-familiar, alguém de quem a gente logo se aproxima, ganha confiança, com quem pode contar.

Corrinha não parava. No fim de semana tinha atividades a mais. Tomava para si o cuidado com a casa como se fosse sua. Entre uma brincadeira e outra, gostava de observar o jeito desenvolvido com que ela fazia as tarefas. Pela manhã bem cedo, depois do café da família, lá estava arrumando a casa numa agitação de varrer e lavar, lustrar móveis, e espanar com vara longa até o recanto dos telhados.

Dos serviços, o que mais me chamava atenção era o cuidado que ela tinha com o piso da casa. Havia todo um ritual que levava horas e muito esforço para deixar o chão tinindo de novo. Com um pano seco, Corrinha passava a mão em uma lata de cera e esfregava todo o assoalho ajoelhada, deixando uma fina camada sobre as lajotas. Ainda não havia cerâmicas lustrosas nem porcelanatos, o piso era coberto por peças de cimento hidráulico com estampas que se completavam fazendo um painel ou mosaico.

Não era um trabalho fácil, mas não havia limite para a disposição de Corrinha. Tudo fazia com gosto, sem demonstrar aborrecimento ou sacrifício. Com o tempo, foi criando maneiras de aliviar o cansaço. Na sala havia um móvel que era um conjunto de rádio e vitrola com portas de armário para guardar long-plays e embutir as caixas de som. Enquanto esfregava vorazmente o chão, ouvia-se em qual-

quer parte da casa sua rádio favorita, dessas AM populares que tocavam seleções de músicas do tipo “as dez mais”, entremeadas por muita propaganda.

Na altura, a Jovem Guarda ainda mandava forte no universo musical e a disputa entre Roberto Carlos e Paulo Sérgio arrebatava o gosto popular. “Quero que vá tudo pro inferno” rivalizava com “A última canção”, que Corrinha acompanhava cantando enquanto rodopiava desvairada pela sala – qual uma possessa Comadre Fulozinha, um redemoinho de vento soprando palhas no canavial – com uma enceradeira na mão.

Para mim, era quase uma dança seu deslizar pelos quatro cantos da casa, como quem transforma num brincar o serviço que tanto lhe custava. Essa postura irreverente e divertida de Corrinha me tocava por toda a vida, assim como as músicas que marcaram a época. Já homem feito, muitas vezes desejei mandar tudo para o inferno ou ofertar aos desamores aquela última canção.

6

Chão de estrelas



Quando se é criança, as festas tradicionais revestem-se de um encanto especial, talvez pela sensação de elasticidade do tempo, que faz com que pareçam demorar mais a chegar, ou, quem sabe, porque atijam com mais intensidade a fantasia e a imaginação. Assim me chegavam o Natal, o carnaval, as festas juninas. Em particular as festas juninas, com suas cores, luzes, brincadeiras e sabores.

Junho é um mês típico de inverno no Nordeste. Em minha percepção de menino, chovia muito desde maio até o final de julho, torrencialmente, dias seguidos, enchendo de poças d'água e girinos o leito de nossa rua de chão batido. A rua Lourenço Fernandes, apesar de situar-se na região central da cidade, ainda não tinha calçamento, o que lhe atribuía ares interioranos.

Tanto quanto um descaso da governança, esse desleixo era um retrato de nossa pobreza estrutural urbana. Isso não impedia que adorássemos aqueles 120 metros de rua esburacada, onde gozávamos sem restrição a liberdade das brincadeiras com peões e bolas de gude, barra-bandeira, garrafão, baleado, futebol (a “pelada”, como chamávamos) e outros jogos quase inacessíveis à meninada de hoje.

Diferentemente do tempo de estio que se tem hoje, as chuvas pesadas e quase ininterruptas desaguavam no inverno d’antanho. Ficava-se na expectativa de uma improvável tarde de sol - que de fato ocorria em curtos intervalos de tempo - para corrermos desembestados atrás dos voos rasantes das tanajuras.

A perversidade inocente da infância nos fazia espetar em um palito a bolsa traseira dessas agigantadas formigas voadoras para vê-las debatendo-se em desespero em nossas mãos. Havia quem arrancava das pobres as bolsas de “pus” - que na verdade se trata de gordura - e as fritava para comer. Jamais me permiti tamanha excentricidade culinária, mas era uma guloseima apreciada por boa parte da meninada.

O tempo chuvoso e úmido trazia uma frieza típica à época; com ele a verdura no campo, os roçados molhados e fartos plantios da região. Apreciávamos o sabor exótico da pinha, que comíamos com sofreguidão sentados em um muro baixo nos fins de tarde melancólicos. Mas nada se comparava ao milho, plantado em abundância no interior e nas cercanias da cidade. Em torno do milho toda uma cultura se formava, marcando com odores e sabores as festas juninas, as mais aguardadas e celebradas de nossas festas populares.

O verdadeiro “trio do forró”, Santo Antônio, São João e São Pedro, revestia-se de simbologias que iam além das datas religiosas, ainda que fosse o culto aos santos o motivo principal das comemorações. A cultura nordestina enriqueceu as festas católicas com fol-

guedos, músicas, crendices pagãs, vestuário e paladares que formam um extraordinário universo cultural único da região.

Bem antes da chegada do mês de junho, grupos de jovens se agitam em torno de quadrilhas juninas, antes tidas como quadrilhas matutas e cada vez mais estilizadas e deslumbrantes na atualidade. Há muito o que falar da organização e dinâmica desses grupos e a glória de suas apresentações, mas não é este o foco no momento. A transformação desse folguedo nos últimos anos - ou décadas - nos levará a uma reflexão sobre o impacto das mídias na tradição popular a ponto de transformar esses eventos rústicos em verdadeiros espetáculos.

Interessa-me agora as emoções e expectativas que invadiam as casas e transbordavam às ruas, mobilizando a todos, independentemente de idade e condição social. O tom picaresco estava nos detalhes, na preparação das festas, na cenografia que enfeitava tudo. Uma exuberância de cores e luzes explodia nos terraços e terreiros, que se enfeitavam com bandeirolas coloridas de papel de seda.

Minha fantasia começava exatamente aí, na arrumação da casa que preparava o clima das festas. Com esmero, fazia questão de recortar as folhas do delicado papel de seda, cuja leveza fazia as bandeirolas tremular ao vento. As lanternas sanfonadas também davam um tom especial ao ambiente; sua luz difusa criava uma atmosfera etérea em contraste com os terraços outrora incandescentes.

As festas juninas eram como um retorno a tempos primordiais, com a magia da fogueira como elemento indispensável e ritualístico em sua simbologia. Como muito da mitologia cristã, a fogueira foi uma apropriação de cultos pagãos, quando se comemorava as colheitas e o solstício de inverno - ou de verão, no hemisfério norte, de onde herdamos a tradição.

Numa aproximação ao nosso passado colonial, as festas juninas nos traziam a ainda presente cultura rural, tão próxima no tempo e no espaço urbano que apenas começava a se expandir. Não nos eram estranhos os ditos populares, as crendices e superstições, as mitologias geradas em torno das matas e das plantações. Quem nessa época não enfiou a faca no tronco da bananeira para descobrir as iniciais de seu futuro consorte? Não era raro ter uma bananeira em casa, nos quintais que assemelhavam-se a sítios e pomares.

As adivinhações eram das coisas mais engraçadas das festas, embaladas pelas homenagens a Santo Antônio. Havia a crendice de que se as brasas jogadas em uma bacia d'água se juntassem, a pessoa - em geral uma mocinha sonhadora e temerosa de um destino infeliz no caritô - saberia das chances de laçar o homem idealizado. Não por coincidência, o dia de Santo Antônio no Brasil é dedicado aos namorados, em que muitas promessas de amor são seladas, muitas noivas de quadrilha se casam, muitos casais ou companheiros pulam a fogueira de mãos dadas firmando vínculo de compromisso ou fidedigna amizade.

Normalmente as comemorações acontecem na véspera. Santo Antônio, que é celebrado no dia 13, é, portanto, festejado em 12 de junho com folguedos que viram a madrugada sem hora para acabar. Em muitas cidades do Nordeste, em respeito aos santos e à cultura popular, esses dias têm status de feriado.

O Santo Antônio, com toda a importância que tem para a cultura popular, é apenas o ato introdutório da festa maior do período, assim como o São Pedro, em 29 de junho, seu ocaso. O São João, comemorado do dia 23 para o 24 de junho, é o momento mais esperado. À parte a simbologia cristã, que se projeta em vários elementos das festas, como as fogueiras, fogos e balões, é nos arraiais que transborda toda a sensualidade pagã.

O ambiente era de festa, cheio de brilho, luxo e alegria, além de certa nostalgia caipira nas referências à cultura popular. Havia muito forró em toda parte, embalado por baião, xote, xaxado tocados com excelência por trios formados por sanfona, pandeiro e triângulo, mas também zabumba. Nas casa, a velha vitrola dava conta da sonoridade com discos de Luís Gonzaga, Marinez, Jackson do Pandeiro, Dominginhos e tantos mais.

Não havia festa que não tivesse sua quadrilha improvisada. Quem não sabe os passos mal traçados sob os comandos de “anavantu” (en avant tous), “anarriê” (en arrière), herdados de um francês caricatural e adaptado pelo linguajar caboclo? Os casais rapidamente se formavam em duas filas frente a frente e começavam a dança, que nem precisava de ensaio.

E lá vem a chuva, o balancê, a cobra, xis de damas e xis de cavaleiros. Mas o melhor mesmo era que, sem chance de se evitar, em algum momento alguém errava o passo e estava feita a confusão, misturava tudo, o ritmo quebrado da quadrilha gerava uma grande algazarra de risos e atropelos até todos voltarem aos seus lugares e começar tudo de novo. Eita bagunça boa e divertida, sem dúvida um dos pontos máximos da festa.

O início da noite era hora de acender a fogueira, atividade delicada reservada, naturalmente, aos pais, sob os olhares fascinados da meninada. Como um chão de estrelas, cada casa da rua tinha sua fogueira, que era montada desde o início do dia. Havia uma disputa velada de quem fazia a fogueira mais bonita, ou a mais alta, ou a que queimaria por mais tempo. Isso para mim era o que menos importava, desde que houvesse fogueira.

Nem sempre queimar a fogueira era uma garantia. Apelava a todos os santos juninos que a chuva desse uma trégua e não molhasse

tanto as toras e galhos de madeira a ponto de encharcá-los demais. Mas um pouco de chuva também era bem-vinda. A madeira molhada demorava a pegar, era preciso muito pano embebido em querosene para atear fogo. Uma vez acesa, a fumaceira era grande, criando um clima enevoado e fantasmagórico que remetia a outra dimensão, para desespero das mães, que iam lidar madrugada a dentro com os acessos de tosse dos filhos pela fumaça nos pulmões.

Já tarde, quando a fadiga dobrava as brincadeiras, as brasas que restavam na fogueira serviam de afago naquelas noites frias. Aproveitávamos para assar milho, às vezes ainda com palhas, que diziam ficava mais gostoso. Era o momento de conversar sobre as coisas pitorescas da festa, sonhar com a namorada prometida e vidrar no estalado das brasas com suas últimas chamas que teimavam em cintilar.

A noite tinha sido gloriosa como haveria de ser. O São João mexe com tudo e com todos no Nordeste. Tomando a parte pelo todo, minha rua de terra, toda enfeitada de bandeirolas coloridas, fogueiras que nos deixavam nas nuvens, fogos pipocando lá e cá fazendo um barulho infernal, a meninada ensandecida em sua algazarra correndo e brincando sem parar, essa era a maior festa do mundo, de cores, luzes, sons e sabores, os quais ainda haverei de falar.

7

Infame revolução



As crianças não entendem o mundo dos adultos, mas, com certeza, na altura de meus sete anos, eu percebia um clima de convulsão no ar. Os homens andavam agitados, ora eufóricos, ora exaltados. Uns conversavam reservadamente, como se algo não devesse ser dito. Em meio a essa confusão indecifrável, meu mundo seguia no ritmo tenso dos acontecimentos.

Anos depois viria entender o que tinha ocorrido, quando no ginásial as aulas foram suspensas e fomos mandados para casa, com cuidado, evitando os movimentos de rua. Eram os estudantes universitários e secundaristas (o “científico” na época) que marchavam para o centro da cidade arrastando nas escolas simpatizantes para os protestos.

O golpe militar deflagrado em 1964 recrudescia e a sociedade civil reagia nas ruas, a despeito de parte dela, formada por empresários, políticos reacionários, a Igreja Católica e a mídia, ter apoiado a ruptura do regime democrático. Inicialmente depuseram o presidente, fecharam o Congresso, extinguíram os partidos políticos, para em seguida prender, torturar, matar, exilar opositores.

Era final da década de 1960 quando os militares assumiram despidoradamente seu lado autoritário. O Ato Institucional n.5 acabava a farsa de revolução redentora contra a ameaça comunista, completando o desfecho com o golpe dentro do golpe, que caracterizou os governos em parte nacionalistas, mas alinhados com a política da Guerra-fria empreendida pelos Estados Unidos da América contra a União Soviética.

Ninguém passou ao largo dos acontecimentos nessa época. Em lampejos de lembrança, ainda que resguardada minha tenra idade, recordo-me de meu pai justificando entusiasta a ocorrência do golpe. Para ele, o país estava desgovernado, o presidente Goulart propunha reformas estruturais que seguiam os princípios dos governos socialistas, greves de trabalhadores conturbavam a ordem social, o Brasil precisava de um pulso firme para por ordem na casa.

Meu pai era um sujeito duro, inflexível. A simpatia pelos militares ia além do evento político. Ele fora um militar engajado em sua juventude e esteve em vias de seguir para o campo de batalha na Segunda Guerra Mundial. A ordem e a hierarquia eram seus princípios absolutos, o que correspondia ao caráter de sua geração. Naturalmente esse tipo de perfil social e psicológico do homem formado na primeira metade do século 20 era uma característica da cultura ocidental, que viria a ser contestada com a eclosão dos movimentos contraculturais na segunda metade do século.

Pitoresco, mas revelador, meu corte de cabelo na infância fora sempre no estilo militar, com a máquina zero deixando todo o entorno do cocoruto azulado. Eu odiava o ritual de ir ao barbeiro do mesmo modo que odiava os dentistas. Depois do corte - ou raspagem -, ficava a sensação de faltar algo em mim, um desequilíbrio que realçava as orelhas como apêndices antiestéticos. É claro que à época não raciocinava assim, mas sentia um incômodo do qual não sabia nem podia contestar.

A despeito disso, os meninos tinham que ser machos desde pequenos, incorporando a rudeza de uma postura que nos interditava até mesmo chorar. Algo de insubmisso pairava no ar contra tanto rigor que beirava o fascismo. A rebeldia dos jovens na década de 1960 em todo o mundo, contra os impositivos patriarcais, contra as inflexões machistas, contra as guerras e os controles imperialistas iriam por em cheque a velha ordem moral e social.

Mesmo com todo o conservadorismo, meu pai jamais fora um homem bruto. Faltava-lhe a delicadeza que era interditada aos homens, de fazer um carinho no filho, de beijar e abraçar a mulher como demonstração de afeto ou até em agradecimento pela companheira prendada, dona de casa a organizar o dia a dia, mãe e educadora dos filhos. Sendo justo a sua memória, se não tinha o afago que hoje dedico ao meu filho, nunca tive dele nenhuma atitude de aspereza, nunca uma voz alterada, tampouco qualquer gesto de violência, que era comum ocorrer em outras famílias.

A falta de afeto explícito encobria um sentimento implícito. Meu papel de primogênito me condicionava a certas expectativas, se não obrigações. Puxar ao pai era a mais óbvia e evidentemente eu não seguia o padrão. Desde cedo nutri um capricho para as artes, em particular para o desenho, bem como para os trabalhos manuais,

para a produção artesanal e para os aspectos mais delicados da vida. Cultivar um jardim era um deles, pela composição estética que implica. Por tudo isso, e provavelmente por muito mais, sentia a frieza de meu pai, que demonstrava certo descontentamento.

Minha mãe era uma mulher independente antes de casar. Fazia um curso técnico, trabalhava como vendedora em uma loja de peças para automóveis no comércio local. Tinha uma vida livre e prazerosa, que incluía passeios com a irmã e as primas a praias das cercanias, a bailes de debutantes e festas carnavalescas. Não era pouco para uma jovem de meados do século 20. Nascida em 1932, casara-se com 23 anos, talvez já um pouco retardatária para os padrões da época.

Meu pai era amigo da família de minha mãe desde sua infância, tinha cerca de 18 anos a mais que ela. O tempo, e a presença frequente, gerou o encantamento que levou ao enlace natural, malgrado a diferença de idade. Hoje diríamos que talvez a jovem estivesse em busca de um pai, não tanto para ter o conforto de uma vida regida pelo matrimônio, certamente para adequar-se ao que era convencional.

O casamento foi um passo que custou-lhe a liberdade. Parou de estudar, deixou de trabalhar para ser dona de casa. Os papéis de gênero bem definidos: o homem, provedor, sai para ganhar a vida e fornecer a casa; a mulher a controlar os afazeres domésticos e parir, que era para isso que se uniam os casais. Meus pais seguiram à risca esse mandamento e fizeram filhos um atrás do outro, oito em um intervalo de dez anos.

Os primeiros filhos, gêmeos, morreram ao nascer, intoxicados por uma desastrada recomendação médica aplicada com eles ainda no ventre. Eu vim em seguida, pouco depois, num processo que inauguraria uma verdadeira linha de produção. Mal começava a me acostumar com um rebento, lá vinha outro, alternando os sexos e o gênero.

Assim fomos crescendo como família, acumulando além da penca de filhos os agregados: um avô, um tio, uma prima... todos acolhidos de bom grado pela generosidade de meu pai, disputando os espaços exíguos da casa popular que em verdade pertencia ao meu avô.

Bancário de profissão, meu pai largou o Banco do Povo para assumir um promissor cargo de Agente fiscal da Recita Estadual. No início dos anos 1960 estávamos bem, segundo relatos de minha mãe. Não tínhamos uma vida de excessos, vivíamos confortavelmente. O novo emprego de meu pai abria-lhe perspectivas de longo prazo, pois o Estado oferece a estabilidade que não podem fazê-lo os negócios privados. Quando estourou a dita revolução.

A “Revolução de 1964”, ou a “redentora”, foi como os militares tentaram vendê-la. Não passou em verdade de um golpe armado contra as normas constitucionais. Para entender as motivações é preciso recorrer ao contexto local e internacional da época, o que é tema de longos estudos que não cabem na singeleza dessa história. O país entrava em um labirinto político que só se agravou com o tempo, cujas consequências chegam à atualidade, mais de 50 anos depois.

Num primeiro momento o golpe se propunha transitório, uma etapa para a devolução do poder político à burguesia nacional. Feito o expurgo da esquerda e a dissolução dos partidos políticos por meio do Ato Institucional n.2, de outubro de 1965, como resposta às eleições para o governo dos Estados, dois novos partidos foram criados, a ARENA - Aliança Renovadora Nacional, conivente com a situação, e o MDB, Movimento Democrático Brasileiro, reunindo o que sobrou da oposição moderada. O bipartidarismo durou até 1979, momento-chave da chamada “abertura política” que selou o fracasso da “revolução”.

Essas eleições gerais do início dos governos militares ocorreram em alguns Estados, dentre eles a Paraíba. Concorriam ao governo pela UDN, situacionista, o senador João Agripino, e pelo PSD, de oposição, o também senador Rui Carneiro. A disputa contemplava não só a rivalidade local, sempre inflamada, mas um referendo sobre os rumos da “revolução”. Difícil era manter-se indiferente a tudo isso e meu pai entregou-se ao momento com prontidão.

Não era homem de partido, mas colocava-se ativamente nas manifestações de rua, nos comícios e passeatas que mobilizavam multidões. Estive com ele em um desses eventos cívicos grandiosos, de bandeira na mão, assistindo admirado à caminhada da massa em ebulição. Estava ao seu lado, segurando sua mão, imprensado entre o povo que passava feito um rio cheio e a cerca de pitangueiras que ornava a Praça da Independência, uma das mais importantes da capital. Assistia a tudo sobre o meio-fio, às vezes na ponta dos pés para não perder nenhum detalhe. Foi um momento marcante, de vida pulsante movida pela política e pela paixão.

A campanha mobilizava não só os adultos, os meninos de minha rua também disputavam como podiam a eleição. Todos, inclusive eu, acompanhavam a escolha dos pais sem saber ao certo o que significava situação e oposição. E a maioria apoiava mesmo Joao Agripino, endossando com isso a dita “revolução”.

Seu Meinardo e sua família era a exceção em nossa rua. Eles moravam em um casarão na esquina, vizinhos de nossa humilde casa. Era um erudito, professor da Escola de Agronomia de Areia, tradicional cidade do Brejo paraibano. Sua postura discreta, quase sempre ausente da vida cotidiana de nossa rua fazia enorme diferença. Era tido como esquisito, mas mesmo assim respeitado, pela verve intelectual que ostentava.

Ricardo, filho de Seu Meinardo, tinha minha idade, e pela proximidade era meu companheiro de todas as horas. Nesses dias conturbados de campanha eleitoral, fazíamos um jogo interessante, que era passar horas na esquina inquirindo quem passava para saber sua opinião. No final do dia tínhamos o resultado da sondagem, que apontava o favoritismo da situação.

De fato, João Agripino ganhou a eleição, e com ele, a maioria da Câmara Estadual. Começava um governo austero, mas também com importantes realizações, como a pavimentação da BR 230, que liga Campina Grande a Cajazeiras, cortando todo o estado, bem como o trecho da capital até Cabedelo, viabilizando o porto marítimo. Em João Pessoa, construiu o Hotel Tambaú, referência arquitetônica moderna.

Mas a euforia de meu pai durou pouco. Uma das medidas do governo atingira diretamente uma parte fundamental do funcionalismo público estadual. O fisco, que sempre foi muito bem remunerado, sentiu o golpe da redução salarial com o corte de vantagens e gratificações. O que parecia uma carreira promissora transformou-se em um rosário de sacrifícios, levando os servidores ao desespero.

O orçamento achatado levou minha mãe a se tornar costureira e bordadeira para o comércio local para complementar a renda. A vida ficou cheia de restrições para que se garantisse ao menos o básico. Meu pai tornou-se um homem amargurado, traído e humilhado por não honrar plenamente sua função de macho provedor.

Passou a beber frequentemente à noite, em um canto isolado da casa. Praguejava ao ouvir no rádio o nome do governador e, o mais bizarro, dava uma cusparada no chão a cada audição, chamando-o de pústula ou que tais. Um fim melancólico para um altivo defensor dos militares e seus asseclas, pago com desprezo pelo apoio a um regime movido pela força e pela violência.

Essa escolha equivocada, essa identidade autoritária de meu pai, geraram em mim um movimento contrário, de oposição à ordem estabelecida, seja ao sistema patriarcal já em franca decadência, seja ao regime ditatorial. Por sorte, para manter-se o que restava de respeito entre ambos, ele morreu antes do embate que se vislumbrava iminente, entre seu arcabouço moral e minha insubmissão político-sexual.

À sombra etérea do pai



Como todo menino irrequieto, também fiz minhas travessuras. No fundo de casa, ao lado dos dois batentes que davam para o quintal, cismei de andar sobre a borda de um caixote vazio, que servia eventualmente como depósito de lixo. Com apenas dois anos ainda não me era possível fazer elucubrações, mas isso era próprio da idade, ao contrário de muito cabra velho que continua sem a capacidade de fazê-lo. Não deu outra: levei um tombo daqueles e quebrei minha frágil clavícula.

Estas lembranças não podiam vir naturalmente, considerando-se minha tenra idade. Quase tudo o que recordamos dessa fase da vida chega-nos pelos relatos dos pais, aos quais adicionamos nossas próprias fantasias e imaginação. É curioso constatar que a realidade, ou parte dela, não passa de uma construção que jamais será coincidente com outras imagens alheias. A lembrança dos fatos é a realidade que criei de mim para mim, sobre a qual me erigi.

Meus pais socorreram-me prontamente e passei um mês ostentando o antebraço esquerdo e o tórax enfaixados. Na altura, ainda filho único - minha primeira irmã só viria nascer alguns meses depois do acidente -, não podia me queixar de falta de atenção. O garotinho fofinho, tadinho, tinha até direito a ter suas birras sem perder o afeto redobrado dos pais e de toda a família.

O tempo se encarregou de me trazer o ofuscamento, uma penca de filhos em sequência me tirou do centro das atenções. De dois em dois anos surgia um novo rebento, fazendo a história recomeçar, mas com novo protagonista. Ao todo, meus pais tiveram oito filhos. Antes de mim, dois gêmeos morreram logo ao nascer, supostamente intoxicados por remédios dispensados na gestação.

Com essa prole numerosa, mas corriqueira para a época, não dava para ter uma vida confortável com os poucos recursos de meu pai. O emprego no Fisco estadual estava sob a pressão do arroxo econômico imposto pelos governos militares. Para um estado pobre e periférico como a Paraíba, as consequências da política econômica eram ainda mais graves, submetendo os funcionários públicos a salários miseráveis.

Mas em minha primeira infância não tinha do que me queixar. Como o primogênito que vingou, sentia-me contemplado com tudo o que me podiam oferecer. Adorava comer pinha e a fruta nunca me faltava na estação. No aniversário de um ano fiz um escândalo para tirar a foto com um balão e ainda guardo com carinho o registro já desbotado. Chorei horrores porque meu pai cortou a ponta de meu “conga” porque provocava chulé. A visão imaginária de meus dedos saindo pelo bico do tênis não me tira a razão da impertinência, onde já se viu improvisado mais desastrado!

Já com quatro, cinco anos, tenho boas lembranças dos passeios que fazia. Minha mãe, com sua doçura, e meu pai me levavam às vezes à Praça Pedro Gondim, no bairro da Torre. Era um curioso logradouro circular que tinha no centro um jardim japonês, com uma pequena ponte sobre um pequeno lago. Meu pai me mostrava os peixes que sobreviviam indiferentes ao escasso tráfego da redondeza.

No caminho até a praça, observava curioso um pedestal de cerca de dois metros e meio erguido numa das calçadas do cruzamento das avenidas Camilo de Holanda e General Bento da Gama. Era uma espécie de mirante onde o guarda de trânsito ficava, para com seu apito e gesticulação nervosa organizar o fluxo dos carros. Cheguei a vê-lo em ação algumas vezes. Impressionava o que parecia um balé sem música, mas ao som de buzinas e silvos longos e curtos, alternadamente. Seria algo impraticável no trânsito raivoso de hoje, que nem a automação consegue dar celeridade.

Nos finais de semana ía à Praça da Independência, uma enorme área verde no bairro de Tambiá, construída em 1922 em comemoração aos 100 anos da Independência do país. Muito grande para ser uma praça, o sítio lembrava um parque pela quantidade abundante de pau-brasil, ipê-amarelo e outros espécimes da flora nativa. A construção da praça, bem como a abertura da avenida Presidente Epitácio Pessoa, que nela inicia, foi um marco para a expansão da cidade em direção ao mar.

Íamos a pé à Praça da Independência, que ficava a três quadras de casa. Lá assistíamos às atividades cívicas, como o hasteamento da bandeira nacional ao lado do obelisco; em uma das bordas havia um grande coreto para solenidades e apresentação de bandas marciais. Mas o que mais me atraía eram os brinquedos do parque infantil.

Os balanços eram clássicos, assim como as gangorras. A novidade foi a instalação de um brinquedo que chamávamos “onda”, composto por dois círculos sobrepostos, um que servia de banco suspenso por correntes, o outro para apoio das mãos, ambos em torno de um eixo. O movimento circular impulsionado por pés e mãos sugeria mesmo uma onda, gerando uma oscilação que variava com a velocidade. Não era um brinquedo para os mais pequenos, mas era o mais concorrido da praça.

Com o tempo, os passeios foram rareando. Minha mãe já quase não saía de casa, sempre com um novo bebê para amamentar. Meu pai se mostrava cada vez mais arredo; a situação cada vez mais apertada levava-o a fazer magia para esticar o orçamento. A magia vinha da criatividade e força de vontade de minha mãe, que se desdobrava no trabalho insano de criar seis filhos e costurar e bordar para fora para ajudar a pagar as contas.

Esse clima se refletia em nossa formação. Com a alfabetização, passei a dedicar-me à leitura. Lia sobretudo revistas em quadrinhos, que conseguia emprestado dos meninos da rua. Raramente tinha minhas próprias revistas, mas as poucas que tinha me serviam de inspiração. Copiava os desenhos que achava deslumbrantes. Era um universo fantástico, cheio de heróis e fantasia, que me embestia e encantava.

Tomei gosto pelo desenho. Copiava os personagens no golpe de vista. Fazia ampliações das figuras transformando-as em pôsteres. Nisso meu pai contribuiu com entusiasmo. Não precisava muito para me incentivar, bastava caderno, lápis e borracha, o resto era minha criação. Não foi pouco o que ele fez. Seu orgulho de ter um filho desenhista me conduziu a escolher bem mais tarde o curso de Arquitetura, que por fim não iria concluir.

Certa vez, ao chegar de Recife - onde passou a trabalhar em um cartório ao se licenciar do emprego do Estado - meu pai trouxe-me um instrumento formado por uma placa de acrílico que refletia e projetava qualquer desenho sobre uma superfície contígua. Essa ferramenta virou febre entre a garotada, que passou a se arvorar de desenhista simplesmente copiando de forma mecânica o que almejasse. Para mim foi um desencanto.

Odiei o brinquedo, que me parecia limitado porque tirava a espontaneidade do traço, a liberdade e a personalidade do desenho. Mas não culpo meu pai por isso. O presente, mesmo equivocado, demonstrou que ele ainda me dedicava alguma atenção, que eu não tinha perdido todo o espaço para os irmãos, ou que, apesar das contingências da vida, ainda lhe restava alguma poesia.

Olhando com distanciamento, o desenho foi, para mim, um refúgio e uma motivação. Dei um passo importante ali, ao centrar-me no desenho como uma expressão mais personalista que artística. Com ele conseguia abstrair-me do mundo, de seus desafios e minhas limitações. Enquanto os garotos jogavam bola e aprontavam pelas ruas, eu ficava em casa com minhas figuras inanimadas, mas que tinham a capacidade de me dar sentido à vida.

Esse comportamento introspectivo e antissocial não passou despercebido para meus pais. Tornei-me um menino retraído, até com certa delicadeza. Mais de uma vez senti a estranheza deles com esse comportamento. Minha impressão era que me julgavam covarde por não participar das pegas na rua com os meninos. Minha sensibilidade à flor da pele me fazia chorar sem razão. Alternava com frequência euforia e depressão, isolava-me de qualquer relação de amizade ou familiar.

Meu pai se tornava cada vez mais distante, mais etéreo, à medida que fui crescendo e essas características de minha personalidade se cristalizando. A frieza apossou-se de sua expressão. Sentia-me quase mais tolerado que desejado. Parecia que seu projeto de filho macho, varão, tinha abortado restando apenas frustração.

Poderia ver nisso o eterno conflito de gerações, em que os filhos crescem para invariavelmente se rebelar contra os pais, mas não seria totalmente plausível nessa situação. Havia subjacente uma antipatia sobre minha passiva insubmissão. Não agia com rebeldia, era minha maneira de ser que gerava inquietação.

Mais de uma vez escutei-o dizer quase como uma advertência, que “dois bicudos não se beijam”, referindo-se à aproximação entre os homens, ao que eu questionava silenciosamente, “por que não?”. Esse arroubo lhe saía sem propósito, sem motivo aparente. Era a própria expressão de seu descontentamento.

A situação arrefeceu um pouco já na adolescência, com a criação de minha personagem de quadrinhos. A ampla circulação de minhas tiras nos jornais e relativo sucesso entre o público local, redimiu-me com meu pai. Ele orgulhava-se quando os amigos do trabalho o chamavam de avô de Maria. Maria, a personagem, passará a ser quase como minha filha, uma persona a mais em casa.

Maria representava uma mulher crítica e contestadora, que logo se tornaria lésbica e feminista. Por ironia, a parte mais visível de mim projetava-se em numa personagem feminina, que afinal foi reconhecida e abraçada por meu pai.

Carnaval, carnavais



Quando criança, o tempo tem outra medida, tudo parece mais lento, mais elástico, no compasso ritmado das horas contam-se os minutos, os segundos, que preenchem morosamente os dias que aguçam a ansiedade. Nesse ritmo amordaçado, as festas levam séculos para chegar e quando chegam, passam de forma atabalhoada como uma convulsão. O carnaval era desses eventos esperados com sofreguidão não só pelos “mais pequenos”, mas por todos, ou quase todos, tirando os religiosos por convicção e os “chatos de galocha”, como se dizia antigamente.

Assim como previsíveis prévias de hoje, o carnaval lá pelos anos 1960 começava bem antes dos quatro dias de Momo. O primeiro grito de carnaval já acontecia na virada do ano, com o *réveillon* do

tradicional clube Cabo Branco. Não era uma festa para todos, evidentemente, era um baile frequentado pela elite abastada da cidade, que ainda cultivava essas tertúlias em sociedade.

Assim como o *réveillon*, outras prévias ocorriam até a instauração da folia carnavalesca. Eram bailes temáticos: o Azul e branco no clube Astréa, e o renomado Vermelho e branco no clube Cabo Branco, que funcionavam como um “esquenta” para a festa principal, além de se reverterem em fundos para a preparação dos quatro dias de carnaval.

As prévias eram reservadas aos adultos, pois varavam a madrugada até o amanhecer. As crianças ouviam apenas os relatos entusiasmados dos mais velhos, que mais atiçavam nossa expectativa. Esse clima contagiante e crescente culminava com o carnaval, apoteose de alegria, cores e fantasia, e muita extravagância, como é de praxe.

Os festejos de Momo também começavam, para mim, com algumas semanas de antecedência, quando meu pai me levava ao AABB - clube da Associação Atlética Banco do Brasil, a três quadras de nossa casa, no limiar do Centro com os bairros da Torre e Jaguaribe. Ficava fascinado ao ver a construção da cena onde iria ocorrer a festa, com suas máscaras gigantes, colunas de madeiras e plásticos que ganhavam luzes num festival multicolor.

Eu poderia passar horas ali, até toda a noite, para ver a magia da construção das alegorias com temas carnavalescos. Quanta criatividade inspirada nos clássicos das marchinhas de carnaval, que de tão repetidas, ano a ano, já estavam gravadas na memória até dos mais novos foliões!

Mas havia, sempre havia, espaço para as surpresas no repertório: Máscara negra, de Zé Kéti e Pereira Mattos, marcou os bailes de minha infância. O sucesso dessa música foi tão estrondoso que ou-

via nossa vizinha Elaine cantá-la efusiva em qualquer época do ano, transcendendo a efemeridade do carnaval: “Tanto riso, oh! quanta alegria! mais de mil palhaços no salão...”

Quando pequeno, não cheguei a conhecer um carnaval de rua digno do nome. O que me tocava o espírito eram os tambores que ecoavam no bairro da Torre. Em minha ingenuidade, assustavam-me os batuques ritmados que eu imaginava virem de tribos indígenas de verdade. Muito depois descobri que nesse bairro tão próximo do Centro, mas na época tão pobre e periférico, fervilhavam grupos carnavalescos de tribos indígenas, escolas de samba, orquestras de frevo e, noutra época do ano, uma infinidade de quadrilhas juninas, formando um celeiro exuberante de cultura popular.

Não há mais tribos indígenas na Torre, mas continua resistindo uma das melhores escolas de samba da cidade, a Malandros do morro, varias vezes campeã nos desfiles do Carnaval Tradição. As tribos organizadas por famílias, como soe ocorrer com os folguedos populares, mudaram-se para bairros distantes, pressionadas pela especulação urbana da cidade.

Carnaval de rua era um carnaval pra se ver, com o desfile das escolas de samba, orquestras, troças, ursos e tribos indígenas. O povo com suas agremiações brincava como podia, abrindo caminho entre os espectadores que lotavam as ruas do centro histórico. Lembro de um desfile na rua Duque de Caxias que me parecia uma loucura, um monte de gente empurrada contra os casarões para dar passagem à bateria das escolas de samba, bem como aos cocares gigantescos dos índios, que mal se equilibravam em sua dança sincopada.

Hoje o povo brinca na arquibancada vendo os outros brincar. O desfile das agremiações passou a se chama Carnaval Tradição. Uma vez por ano, com ou sem o irrisório apoio do poder público, a cultura

popular, que tangencia a representação folclórica, dá mostra de resistência na passarela da avenida Duarte da Silveira.

É um espetáculo familiar, de uma gente sofrida e pobre, que vive mal nas periferias, mas transpira um vigor que teima em não ceder aos novos padrões carnavalescos. Indiferente a manifestação cultural tão espontânea e visceral, em meados da década de 1980 a classe média tomou as ruas da cidade com blocos de arrasto animados por enormes trios-elétricos. Isso é outra história, que não se vislumbra em minha infância.

O carnaval não era só esse desfile quase sempre previsível que se recompunha mais que se reinventava a cada ano. À noite havia os bailes nos clubes das elites, mas também nas associações nos bairros. Além dos clubes Cabo Branco e Astréa, faziam bonito as soirées nas Voluntárias no Centro, nos Veteranos em Jaguaribe, no Internacional em Cruz das Armas, no Independente em Tambiá.

Durante o dia, os endinheirados faziam o curso: um desfile de charangas e batucadas em cima de caminhonetes e carros abertos eventualmente caracterizados. Havia um circuito predeterminado, sendo o mais duradouro o que circundava a Lagoa. O que em sua origem era um passeio de carros alegóricos na embriaguez ondulante de confetes e serpentinas, além de lanças-perfume, é claro, transformou-se em um exibicionismo grosseiro regado a lama, maisena, farinha e pó de serra, uma degeneração que quase sempre terminava em violência.

Esse espírito agressivo difundido pelo curso também contagiava a garotada. Em minha rua travávamos verdadeiras batalhas com lanças d'água, que logo viraram bombas. A bomba era como chamávamos os artefatos caseiros feitos com cano plástico fechado na extremidade, mas com um furo, por onde enchíamos com água por sucção. Na

outra extremidade, uma vara com um tampão de borracha ejetava a água pelo furo, produzindo um forte jato de longo alcance.

A bomba servia para atingir os que brincavam sua algazarra consentida, mas logo resvalava para a derrisão. Não passava mais um carro na redondeza sem que a gente incauta não tomasse um banho. Os ônibus viajavam com as janelas fechadas, tal era o desvario da molecada. A bomba então passou a ser pouco, passou-se a jogar baldes d'água, quando não lama ou qualquer mistura que sujasse os pobres viajantes, que nada tinham a ver com a farra.

Mas nem tudo era barbárie em nossas brincadeiras de carnaval. Costumava correr cheio de alegria e curiosidade ao ouvir distante uma cantiga que se repetia como um refrão. Eram os ursos que passavam de porta em porta das casas com suas batucadas improvisadas e toscas fantasias. Os ursos eram pequenos blocos formados por crianças e jovens, em que um deles vestia uma fantasia de trapos cobrindo todo o corpo. No rosto, uma máscara artesanal de algum animal com focinho, lembrando vagamente um urso.

A brincadeira consistia em parar no portão das casas para pedir dinheiro - um reforço às despesas do carnaval ou só para ganhar uns trocados. Para quem dava, cantavam em agradecimento: “Esse aqui é gente boa, esse é gente boa...”, até cansar, seguindo o cortejo para a próxima casa. Para quem não dava dinheiro, eram implacáveis ao entoar: “Esse aqui é miserável, esse é miserável...”. Eu adorava a mangoça, mas muitas crianças tinham medo, porque os ursos eram por vezes assustadores.

Nunca me fantasiei de urso, mas isso não me impediu de fazer algumas máscaras. Era um pretexto para liberar a fantasia, no sentido criativo, pois não. Com imaginação, fazia um molde de barro com a cara do bicho que queria. Sobre o barro já seco, ia aplicando com

grude - uma cola de maisena cozinhada - pequenos recortes de jornal até ter uma espessura resistente, então era só tirar a máscara do barro e pintar como fosse o caso. Fazia máscaras de urso, de onça, de cão, até de papa-figo, era só um motivo para criar.

Para os pequenos e mais alguns marmanjos, o carnaval mesmo, para se esbaldar, era brincado nos concorridos bailes da AABB, aquele mesmo clube no qual costumava espiar a construção da cenografia. Era a mais animada matinê da cidade, lotava todos os dias. Algumas vezes me perguntei com qual disposição os adultos iam brincar o carnaval pela manhã, certamente não eram os mesmos que varavam as madrugadas.

Na AABB havia um salão para as crianças e outro para os adultos, este conhecido como palácio de vidro, por sua enorme fachada transparente. Num e noutro havia orquestras que tocavam os sucessos das marchinhas de antigamente, para nosso prazer. Os cordões de foliões giravam no salão no sentido anti-horário e nem adiantava ir no sentido contrário, pois era arrastado pela onda de euforia embalada pelos repique dos metais.

Meu sonho sempre fora entrar no salão dos grandes, no palácio de vidro, onde a decoração era mais caprichada e a folia mais vibrante. Um dia, numa bobeira, consegui furar o bloqueio dos porteiros e seguranças que controlavam a entrada dos foliões pela idade. Foi uma euforia que me tirou o fôlego e que pouco durou. Brinquei, pulei ao refrão de Máscara negra, entrei em êxtase com Vassourinhas, rodei o salão e me mostrei para chamar a atenção dos amigos que ficaram de fora.

Em vão. Ninguém percebeu, estavam todos muito entregues a sua própria fantasia. Então saí e fui brincar em meu salão, com a pirralhada, apanhando o resto de rolos de serpentina e confetes para atirá-los novamente, redistribuindo a alegria.

10

A feira



Desde cedo fui o companheiro predileto de minha mãe. Havia uma cumplicidade tácita bem mais significativa que o fato de ser o filho mais velho. Minha mãe sabia que contava comigo para tudo e me sentia feliz com isso. Quando queria que eu fosse na bodega de seu Dedé, lá estava eu de prontidão, com o caderno na mão para anotar as compras no fiado.

Ainda estávamos nesse estágio, em que o dono da venda não só conhecia todos os clientes como adia o pagamento para o final do mês, quando se recebia o salário. A mercearia de seu Dedé, que chamávamos também de venda, ficava a um quarteirão de nossa casa, era um prédio de esquina com cinco portas estreitas, um salão com um balcão em “ele” que guardava as prateleiras dos produtos.

Tinha de tudo um pouco na venda de seu Dedé, de mantimentos a utensílios de limpeza, de corda de agave a lamparina de querosene, além de sandália japonesa, retrós, linha, botão e alfinete. Num dos cantos havia uma vitrine com alguns produtos especiais, como perfumes e bebidas. Cachaça ficava mesmo na prateleira, ao lado dos vinhos baratos e dos refrigerantes.

Seu Dedé anotava no caderno as mercadorias vendidas com os preços e o confiava a nós, que guardávamos até a próxima compra. Imagine se desaparece uma página do caderno, ainda mais se estivesse repleta de compras! Seria um pandemônio, uma quebra de confiança, uma irresponsabilidade. Para vergonha nossa, foi isso o que aconteceu e ninguém sabe como. Para todos os efeitos, nenhum dos filhos, que a essa altura já eram quatro, assumiu ter arrancado a página, minha mãe tampouco, muito menos meu pai.

Criado o impasse insolúvel, restou o constrangimento de comunicar o desatino, tentar desculpar-se e propor o cálculo do valor da página sumida pela média das demais. Nossa relação com seu Dedé, que teve que aceitar nossa proposta, nunca mais foi a mesma e passamos a evitar comprar fiado. Aprendemos a planejar o orçamento.

Ir à feira era um evento regular e muito aguardado. As compras na bodega de seu Dedé nem eram assim essenciais, ficavam para uma urgência, a reposição de um produto que faltava, uma necessidade de última hora. O grosso mesmo era feito na feira do sábado, no Mercado Central.

As manhãs de sábado eram para mim fabulosas. Havia um clima de excepcionalidade no ar, de renovação, de mudança. As casas eram lavadas, os assoalhos encerados, os varais se enchiam de roupas a tremular ao vento. Ainda que gostasse da escola - nunca reclamei de estudar -, o sábado era o dia mais aguardado, que tira-

va para inventar coisas, brincar à vontade, até para não fazer nada, mas, com certeza, era o dia de ir à feira com minha mãe.

Costumávamos sair não muito cedo, mesmo que de minha casa ao Mercado Central fosse necessário uma boa caminhada. Íamos a pé, em passos firmes, cortando caminho. O Mercado Central ficava no Centro da cidade e até lá passávamos por uma dezena de ruas. O majestoso Liceu Paraibano ficava no trajeto.

Contrariando minha mãe em sua caminhada apressada, adorava andar por cima da mureta do Liceu, de uns 80 centímetros, livrando a cada passo o tubo de ferro que se estendia em toda sua extensão. O que fora feito para dificultar a utilização do muro como banco, para mim era um desafio a mais, de equilíbrio e destreza ao caminhar. Coisa de menino, claro, que hoje observo nos pivetes que vejo na rua. Menino simplesmente não anda: corre, pula, sobe onde não deve, faz todas as estripulias para o desespero dos pais.

Ir à feira com minha mãe era sair do casulo, do pequeno mundo circunscrito a duas quadras no entorno de minha rua. Era esse o limite permitido aos menores, para os que não chegaram ainda aos 10 anos de idade. Eu estava em vias de cruzar essa barreira, de ter um pouco mais de ousadia para explorar a região. As saídas com minha eram um pretexto para ir além e descobrir a diversidade caótica da feira e a beleza das avenidas largas e arborizadas que margeavam o centro da cidade.

E como eram belas essas avenidas, fruto de um sopro urbanístico que ampliou com estilo os limites da cidade na primeira metade do século vinte. As avenidas Duarte da Silveira, Getúlio Vargas - a do Liceu Paraibano, que começa na Lagoa do Parque Solon de Lucena -, a Coremas, Pedro I, Almirante Barroso, Camilo de Holanda, Maximia-

no Figueiredo e Joao Machado formavam o perímetro de uma cidade que tinha pretensões de crescer, mas que não perdia o ar provinciano.

As grandes avenidas tinha quatro vias para carros, com um canteiro central. Mas o que mais encantava era a cobertura verde, que dava testemunho da fartura desta terra. Os canteiros quando não eram ornados por acácias e ipês, traziam frondosas árvores frutíferas, que na época apropriada cobriam a rua com um tapete de flores, e a seguir ofertavam mangas e jambos quase na palma das mãos dos transeuntes maravilhados.

Em particular, gostava muito da avenida Coremas e seus jameiros. A cada final de ano era deslumbrante caminhar sobre suas flores no chão. Pareciam pequenas vassoures de fios rosa-arroxeados, ao modo das boninas em sua intensidade e esplendor. Esse prenúncio de verão, sendo ainda primavera, inebriava com um cheiro agridoce cujo fruto remetia à morenice brejeira da alma brasileira.

A avenida Coremas estava no caminho que fazíamos para ir à feira. Esse era mais um dos motivos para seguir minha mãe com alegria. Mas a feira era a razão em si. Nas imediações do Mercado Central já se via a agitação incomum de uma cidade quase sempre pacata. Eram pessoas circulando apressadas, umas trazendo sacolas pesadas, outras com bolsas cheias de expectativas. A feira é sempre uma surpresa, renova-se a cada ciclo semanal, seja pela oferta de produtos da época, seja pelas novidades guardadas nas mochilas dos mascates.

A balbúrdia em que se tornava o Mercado Central em dia de feira era quase indescritível, de outro modo não teria como dizê-lo. Era uma área enorme com pequenas mercearias, barbeiros, supermercado, revendedoras de doces e biscoitos, lojas de utensílios de cozinha - panelas, tachos, frigideiras, tudo que pudesse ser feito em alumínio, ferro ou latão -, lojas de produtos para sítios e fazendas

- sementes, ferramentas, selins, botas e chapéus de couro, venenos e defensivos agrícolas.

Além disso tinha grandes galpões em que se vendiam estivas. As bancas pareciam não ter fim, com sacos de arroz, farinha, feijão, milho, amendoim. Subia uma poeira fina de farinha no ar, que filtrava em fios tênues de luz os raios de sol que varavam as brechas do telhado.

Outro galpão era destinado às carnes, com carcaças de bois quase inteiros e ainda sangrando pendurados em ganchos, homens rudes de avental branco e faca afiada na mão. Ficava imaginando uma desavença grande ali, a disputa pelos fregueses, a tragédia que seria! Pedacos de carne sangrentas voando pra todo lado, facas riscando o chão, gente correndo atordoada e morta no salão. Bobagem de uma mente criativa e fantasiosa.

Os galpões não davam conta da variedade de produtos da feira, que se esparramava pelas ruas e calçadas das redondezas. Era comum ver lonas estendidas no chão cobertas com grãos de feijão a secar ao sol. Outras expunham roupas baratas também ali, jogadas no chão.

Inúmeros barraqueiros de frutas e verduras ofertavam seus produtos aos gritos e apelos de promoção. Eram dez por oito, leve três e pague dois, vendas casadas aprendidas com as malícias do comércio formal. Se não o contrário, foram os comerciantes das lojas que aprenderam com as feiras os macetes de sedução dos fregueses dispostos a por a mão na bufunfa.

Minha mãe começava pelo mais pesado, as estivas. Antes, contratava o serviço de um balaieiro, que nos acompanhava em todas as compras. Ia colocando os quilos de arroz, feijão, farinha, açúcar no fundo do balaio como base para as coisas mais leves, as frutas e verduras. No outro balaio - sim, eram dois, que ao final se enchiam com-

pletamente - iam os produtos de limpeza, às vezes uma vassoura, algo para a cozinha, um ralador de coco, uma turrina de barro ou de latão.

Por último vinham as carnes, que eram os produtos mais sujos e menos agradáveis de se comprar. A charque era imprescindível, para temperar o feijão. Tinha ainda a galinha morta inteira, a carne de boi, chamada carne verde por minha mãe - não pela cor, mas por ser fresca -, fígado, algum peixe e, vez ou outra, linguiça.

Minha mãe também levava sua sacola, mais para constar. Nela colocava algumas frutas, que ia escolhendo ao acaso. Causava-me espanto a matemática desleixada de minha mãe. De cada dez laranjas que contava, iam doze ou treze para a sacola. Olhava indignado a reprovar-lhe a esperteza, com o que ela ria, como quem apenas se distraíra na contagem. Era parte do jogo essas pequenas traquinagens, o mesmo que faziam alguns comerciantes com o troco.

Ir à feira era para mim como ir a uma festa. A profusão de cheiros me tomava por completo numa mistura indecifrável de temperos e perfumes baratos. O cantar dos pregoeiros dava um ritmo especial ao barulho generalizado e o sol intenso das manhãs mesclava em luz e sombras cada barraca armada nas ruas, cada tom das roupas coloridas e extravagantes. Como não amar uma bagunça dessa!

A volta para casa tinha aquele ar desolador de fim de festa. O caminho se tornava mais longo, a jornada se fizera exaustiva. Tomava-me uma vontade desesperada de chegar em casa, de tomar um banho e não fazer nada. Dava dó ver o senhor idoso e franzino que nos acompanhava. Sobre os ombros, uma barra de madeira sustentava os dois balaios repletos, um de cada lado. Era tanto peso que o coitado vergava, suave como um alambique, manquejava aqui e ali para livrar-se das armadilhas das calçadas mal calçadas.

II

Frutos do mar



Com expectativa esperava o domingo de sol. Vez ou outra tia Dalvina saía de Cruz do Espírito Santo para nos pegar e levar à praia. Quando amanhecia nublado, imagine meu desespero, minha apreensão! E haja a riscar com um graveto no terreiro um círculo irradiado que lembrava vagamente a imagem do sol.

Isso não ajudava em nada, nem fazia mudar o tempo, mas aplacava a ansiedade e me libertava da resignação das causas perdidas. Quase sempre o sol, preguiçosamente, acabava por dar a cara ainda a tempo de fazer minha tia juntar os filhos e o marido, montar em seu Jeep de campanha e cruzar os 40 quilômetros que nos separavam de sua casa.

A estrada de barro encharcada que separava Cruz do Espírito Santo da capital não era muito amigável, mas não chegava a ser um transtorno para minha tia. Seu pulso forte e vontade aguerrida não a faziam desistir do passeio, ainda que caísse um pé d'água daqueles. Adorava isso nela, sua impulsividade indomável.

A chegada do Jeep em minha casa era sempre uma festa e um alívio para horas incontáveis de espera. Ir à praia sempre fora meu passeio predileto e certamente para meus primos também. Júlio e Roberto dividiam comigo o prazer das peraltices que aprontávamos na praia.

Juntar as duas famílias era mesmo uma façanha. Além de minha tia e o marido, que iam bem acomodados na “boleia”, não imagino como se conseguia levar na traseira do Jeep seus dois filhos, meu pai e minha mãe, minha irmã e eu, além de panelas, bolsas, sombrinhas... o escambau! e uma câmara de ar de caminhão.

É difícil descrever um Jeep daquela época. Forçando um pouco a imaginação, dá para ver um carro duro de lata sem conforto, com apenas dois assentos, para o motorista e o passageiro; na carroceria, dois bancos laterais de madeira. A cobertura era de lona impermeável, que se estendia sobre uma estrutura de ferro tubular; o fundo aberto, como uma carruagem, dispunha de uma cortina retrátil de lona e plástico. Não havia itens de segurança, não havia conforto, não havia nada, mas essa precariedade dava ainda mais emoção ao que para nós, pequenos, fazia parte da aventura.

Ir à praia, na altura, parecia algo extraordinário. A cidade morria no bairro do Miramar, um conjunto habitacional construído praticamente fora da cidade. O litoral assemelhava-se a um local quase deserto, onde se situavam uma colônia de pescadores em Tambaú e algumas casas de veraneio aqui, acolá.

Costumávamos ir à praia do Cabo Branco, que não passava de um areal com vegetação rasteira. Nos terrenos baldios, à margem de uma estreita rua de calçamento, abundavam pés de urtiga branca e uns arbustos que davam em vargens as pequenas sementes vermelhas e pretas que chamávamos olho de pombo. Havia também muitos cajueiros silvestres, cujo fruto era raquíptico e travoso.

O percurso de minha casa à praia fazíamos pela avenida Presidente Epitácio Pessoa, uma longa rua de paralelepípedos com iluminação baixa sobre um canteiro central e bem arborizada nas calçadas laterais. Estava longe de ser a avenida imponente que hoje abriga bancos e lojas de automóveis e decoração, mas servia de vitrine para as mansões da cidade.

Os pontos mais ilustres da avenida situavam-se no Miramar, um em frente ao outro: à direita, o Clube Cabo Branco, onde ocorriam os saraus e fins de semana de sol da burguesia; à esquerda, o moderno palacete de Creusa Pires, na época a mais bem sucedida empresária do comércio local. A avenida Epitácio Pessoa foi traçada como um rasgão na geografia da cidade, fazia a única ligação do Centro à praia, que não passava de um distrito balneário afastado.

Nossa féria dominical começava no desafio de acomodar todos no Jeep. O caminho era longo, mas não importava. Depois de meia hora de sacolejos sobre a estrada de pedras, do Miramar já se avistava a praia como uma promessa de prazer incontornável. O Cabo Branco nos atraía por ser um lugar bucólico, um quase-deserto, que tinha em um casarão estiloso sua maior referência.

Tratava-se da casa do velho “bruxo de Areia”, o político e escritor José Américo de Almeida, originário dessa tradicional cidade do Brejo paraibano. Lá ele passava o que lhe restava da vida entre livros e pequenos passeios na orla, indiferente aos inoportunos visitantes

ocasionais. Montávamos acampamento em frente a sua casa com nossas tralhas, que as mães se encarregavam de arrumar.

Andando um pouco se chegava às falésias do Cabo Branco, que ao lado da Ponta do Seixas formam o ponto mais oriental das Américas. Esse orgulho paraibano seria explorado bem mais tarde à exaustão em infrutíferas campanhas de publicidade turística. Preferíamos ficar por ali, nas imediações da mansão do escritor, onde abundava o coqueiral e a areia branca se espraíava convidativa.

Mal chegávamos à praia, eu e os primos corríamos ao mar com sofreguidão. Na maré baixa, a água morna e serena lembrava uma imensa lagoa, que adentrávamos a perder de vista. Podíamos ver peixes circulando entre nós, estrelas do mar enterrando-se na areia. Ouriços e caravelas eram as únicas criaturas temidas no mar; pisar nos espinhos do ouriço era inchaço certo, com dores insuportáveis; as caravelas de bolhas reluzentes flutuantes traziam em seus filetes arroxeados um veneno que causava graves queimaduras. Como tudo parecia hiperbólico!

O espetáculo da descoberta do universo marinho competia com as brincadeiras na água: disputávamos as braçadas mal dadas à guisa de nado; mergulhos mais prolongados competíamos no fôlego; lutas sobre os ombros uns dos outros; gangorra com a boia de câmara de ar de caminhão. Tudo virava farra em nosso banho de mar, que consumia uma energia juvenil que parecia inesgotável.

O almoço ganhava ares de piquenique, mas não passávamos mesmo de “farofeiros”. Sobre uma toalha estendida à sombra dos coqueiros, minha mãe e minha tia serviam-nos de suas panelas frias o feijão com farofa, arroz e galinha ao molho, nada de frutos do mar, que rendia pouco e podiam facilmente estragar. Acompanhava a comida um fresco artificial que tentava lembrar o gosto de alguma fruta, ainda a

descobrir sua natureza. O imprevisto do almoço ninguém tinha do que reclamar, fazia parte do programa em sua excentricidade.

Curtíamos da praia bem mais que o sol e o mar: o futebol na areia, a pipa que eu adorava empinar, as caminhadas exploratórias nos sítios à revelia, a caça aos mariscos dispersos pela areia molhada, os siris que entravam e saíam de suas locas, apressados.

Os adultos não iam muito ao mar, aproveitavam para sentir a brisa impregnada de maresia. Minha mãe e minha tia passavam as novidades de casa, dos filhos, do dia a dia. Os homens falavam inevitavelmente de política. E nós, indiferentes a tudo, queríamos era brincar. Voltávamos outra vez ao mar para uma última rodada de brincadeiras até ser chamados com insistência.

O cair da tarde trazia uma inconsolável melancolia. O sol com raios alaranjados transversais alongava a sombra dos coqueiros, que se projetavam quase à beira mar. Hora de secar o corpo, bater a areia, sentir no rosto o calor da pele salgada, ressecada e deixar-se invadir por uma tristeza plena de satisfação.

Pegávamos na volta a mesma avenida Epitácio Pessoa. O Jeep mais bagunçado que na ida, levava amontoadas as toalhas, panelas, bóia, pipas, bolas e nós imprensados, exalando o cheiro salobro do mar; as baterias recarregados pelo sol, já em stand by. À medida que o carro se deslocava, meu pai observava poeticamente o acender das lâmpadas nos postes, como um balé ritmado no compasso do anoitecer.

Para nós, chegar em casa era o corolário de um dia extasiante. Para tia Dalvinha, seu marido Reginaldo, os primos Júlio e Roberto começava outra viagem, o retorno a Cruz do Espírito Santo, um enfadonho percurso através de nossa cidade, passando ainda pelas suburbanas Bayeux e Santa Rita, pela mesma estrada carroçável que percorreram para nos dar tão grande satisfação.

12

Estrela Dalva



Tia Dalvinha era uma pessoa “positiva”, que sempre falava a verdade seca e crua, sem se importar se iria ferir alguém. Essa objetividade tão pouco diplomática scandalizava meu pai, que preferia o jeito comedido ao lidar com as pessoas. A rispidez de minha tia tampouco a fazia uma pessoa sem alma, como demonstrara em vários momentos de sua vida; era apenas destempero que buscava dirimir um tanto da hipocrisia que permeia as relações humanas.

Sentia por ela um misto de reverência e orgulho. Sua altivez contrastava com o conformismo das mulheres da época. Os anos 1960

ainda ecoavam o ideário de valorização da família como núcleo fundamental da organização social, comandado pelo homem como provedor e chefe da família, numa demarcada estrutura patriarcal.

Era comum as mulheres casarem para cuidar da casa e criar os filhos, encontrar abrigo na liderança do marido e viver sob seu domínio pelo resto da vida. Não raro, elas tinham muitos filhos, num sinal de virilidade do macho, fertilidade da fêmea e sua inexorável submissão. Assim acontecia em nossa vizinhança, em que as crias chegavam facilmente à dezena, assim ocorria em minha própria família.

Ainda muito jovem, minha mãe largou estudos e emprego - sinal de independência - para se casar com meu pai, bem mais velho que ela. Ao tornar-se dona de casa, esforçou-se em cumprir o papel que lhe coube, criar seis dos oito filhos gerados, contando-se a morte dos primogênitos, gêmeos, nos primeiros dias de vida.

Desde cedo admirei a atitude de minha tia Dalvinha, de ter apenas dois filhos, na contramão das famílias da época. Malgrado o apelo do marido para que lhe desse uma menina, recusou-se a nova gravidez para satisfazê-lo. Sua posição firme seria determinante para o papel que desempenharia na vida, no casamento e em minha percepção de sua autonomia.

Tia Dalvinha tinha uma vida confortável. O marido, juiz da pequena Cruz do Espírito Santo, provinha tudo do que necessitavam sem as incertezas econômicas dos trabalhadores comuns. Essa condição privilegiada poderia ter engendrado uma mulher acomodada, como se diz, bela - sim, ela era bela -, recatada e do lar, dedicada a gerir a casa e a educação dos filhos, mas não se deixara enquadrar na vida ordinária que o estatuto social lhe destinou.

Talvez por ser esposa de uma figura tão importante tenha incorporado certo ar de arrogância e se atribuído uma autonomia que a

libertava dos limites da casa. Atuava na cidade como uma “primeira dama”; fazia ações sociais sem mandato para isso, por achar que devia contribuir para a resolução dos problemas dos desassistidos. Considerava que era esse o papel da mulher do juiz, estar à altura de quem, para muitos, era a maior autoridade da cidade.

Não fora apenas por associação ao cargo do marido que tia Dalvina construiu sua fama. Mulher destemida, à frente de seu tempo, era vista para lá e para cá dirigindo seu Jeep na resolução das demandas da população. Alguém precisava de um atendimento médico na capital, lá estava ela célere pilotando um dos poucos carros a contar na cidade.

Sim, minha tia era a motorista da casa, subvertendo o senso comum. Seu marido, Reginaldo, não sabia passar uma marcha, delegara a ela a destreza de comandar o automóvel, que pelas características de veículo de campanha servia bem mais aos outros que à própria família.

Esse ar de expedicionária com que comandava o Jeep duro e desconfortável era reforçado pelo aspecto físico de minha tia. Loira resplandescente, apesar da pequena estatura destacava-se entre o povo franzino e humilde da cidade. Mesmo entre a elite local - os políticos, o médico, um ou outro comerciante bem sucedido - ela se sobressaía por sua postura de vanguarda, pelas calças compridas que usava, pela eloquência na fala.

Habilidosa no discurso, tinha argumentos para tudo e o poder de convencimento, mais pela inconsistência de elaboração do raciocínio dos outros que de sua própria formação. Como minha mãe, mal concluía o colegial - o ensino médio de hoje - mas sua perspicácia a projetava como uma liderança nata.

Desse modo, tia Dalvinha adquiriu legitimidade em sua pequena cidade, tornou-se expoente respeitado e providencial, tipo de assistente social formada na intuição da carência dos que necessitavam. Muitas vezes, antes de recorrer aos poderes públicos constituídos, era a ele que o povo ia buscar, na certeza do diálogo sem intermediários e da resolução dos problemas.

Nessa época, vivia-se no mundo dividido entre o capitalismo e o comunismo. A dita “guerra fria” - diplomática, de embates verbais e pressões ideológicas - jogava seus tentáculos até nos mais recônditos buracos do país, que se encontrava sob uma ditadura bárbara, como todas o são.

A política paternalista estadunidense de compensação da pobreza do chamado “terceiro mundo” (o “primeiro mundo” seriam os países capitalistas desenvolvidos; o “segundo mundo”, os países da URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) fazia chegar a Cruz do Espírito Santo, como a outros municípios da região, toneladas de doações das Cáritas em alimentos (principalmente leite em pó e carne enlatada), roupas e sapatos. Minha tia era a encarregada de receber, selecionar e distribuir os donativos, em reconhecimento à representatividade que adquirira.

Lembro que de certo modo nos beneficiávamos de sua posição. Eventualmente ganhávamos umas latas de leite e algumas peças de roupa que ela escolhia para nos dar. Incomodava-me saber que aqueles produtos não eram para nós, que talvez aquela atitude dela não fosse a mais correta, mas, olhando em profundidade, apesar do acesso privilegiado que tínhamos às doações, éramos de algum modo tão carentes quanto muitos daqueles a quem, afinal, os produtos se destinavam.

O anúncio das doações fazia da casa de tia Dalvinha um destino de peregrinação, com as pessoas fazendo filas para receber mantimentos e roupas, como se vê em campos de refugiados de guerras ou de retirantes das secas. Perdoem o exagero, mas um pouco de drama realça o caráter endêmico de nossa pobreza. Tudo é semelhante na miséria, a degradação humana se nutre da carência, quase sempre provocada pelos desmandos políticos e pela ganância dos poderosos.

A casa de minha tia continua lá, onde ostentou tanta imponência e autoridade. Situa-se em frente à principal praça da cidade, um quadrilátero bem traçado com um coreto no meio, ornada por majestosas palmeiras imperiais. Vista hoje, não passa de uma casa conjugada sem importância arquitetônica e longe de sua representatividade.

Lembro que além do Jeep - símbolo incontestado de status e poder - a televisão também era um equipamento de luxo, que pelo custo não era acessível que a poucos na cidade. Tia Dalvinha, em consonância com o marido, abria sua casa à população para assistir às novelas no início da noite.

A TV em preto e branco já tinha boa dimensão para a época, cerca de 20 polegadas. Num artifício que Reginaldo trouxera de uma viagem a Recife, sobre a tela colocava um filtro de celofane rígido de três cores em faixas horizontais. Como a estética da TV prioriza os closes e primeiros planos, os personagens surpreendentemente ganhavam cores: a faixa inferior, verde, dava o tom às roupas; a intermediária, rosa, ficava na altura dos rostos; a superior, azul, cobria os cabelos e o céu. Era um arremedo de TV em cores que causava sensação, mas que logo foi descartado com a chegada das transmissões realmente em cores.

A TV era colocada sobre uma mesa no terraço lateral da casa, que em outros momentos servia de garagem. Muitas cadeiras eram dis-

tribuídas no ambiente, que se enchia de telespectadores de todas as idades. Num prenúncio da decadência do cinema, o terraço transformava-se numa espécie de sala de espetáculo, que rendia cenas pitorescas inimagináveis.

O público, em sua diversidade e espontaneidade, nem sempre se continha, reagia às cenas das novelas com paixão. Uns comentavam indignados cada artimanha dos vilões ou vibravam exultantes aos afagos dos mocinhos. Vez ou outra os gaiatos davam as caras e desrespeitavam a audiência soltando peidos horrorosos na surdina, criando revolta e nojo. Sob o manto da penumbra da sala alguém mais atrevido gritava: “Eita, hoje esse comeu carniça de urubu!”, no que o povo explodia em gargalhada.

No final, não acontecia nada, ninguém era reprimido nem expulso, as pessoas iam aprendendo a conviver com as impertinências. Minha tia tinha esse caráter democrático e tolerante, que a fazia a figura mais bem-quista da cidade. Ao terminar a sessão, por volta das 21 horas, a TV era desligada, a maioria saía em alvoroço, algumas pessoas ficavam para ajudar a guardar as cadeiras. Como nem todas eram da casa, muitas saíam levando suas próprias cadeiras e tamboretas, os quais tinham trazido com elas.

Tio Reginaldo - digamos assim, mesmo que nunca o tivesse chamado de tio - não se incomodava com o protagonismo de tia Dalvinha, ao contrário. Essa aparente inversão de papéis no comando da assistência social e mesmo na condução do carro era incorporada com naturalidade por ele e pelo povo de Cruz do Espírito Santo. Meu tio era declaradamente fã das novelas quando este nem era um programa recomendável ao público masculino. Para ele, nada disso importava, não era homem que se dobrasse às convenções.

Um dos episódios mais surpreendentes e aterradores dessa inusitada relação soubemos por intermédio de tia Dalvinha, que o contava com efusiva narração. Certa vez estava com o marido na capital para umas compras habituais. Entre visitas e negócios, o dia passara sem se dar conta. A noite caía acelerada e Reginaldo se exasperava para voltar para casa.

O caminho de terra era longo, não se fazem nessa condição os 40 km em poucos minutos. Para complicar, o canavial denso à margem da estrada entre Santa Rita e Cruz do Espírito Santo estava em chamas. As labaredas açoitavam os dois lados do estreito caminho criando redemoinhos de fogo, fumaça e fuligem, ofuscando tudo num vendaval de folhas de cana queimadas.

Tia Dalvinha em raros momentos tivera medo, esse foi um deles. Parava no meio da estrada ao sentir a ameaça ardente no rosto, queria voltar, temia prosseguir e ser consumida pelo fogo. Mas Reginaldo a instigava em desespero, não apelando à prudência que o infortúnio cobrava; mandava-a seguir autoritário, não queria perder o capítulo da novela. Atravessaram o inferno de Dante, viram a cara da morte sorrindo nas brasas, mas não perderam o episódio de “Irmãos Coragem”.

13

Sabores do milho



Pelo paladar me seduzem as festas juninas. Não apenas, claro, mas isso já seria suficiente. A reverência aos santos Antônio, João e Pedro, no percurso de junho, traz inúmeros motivos para termos as festas preferidas de boa parte da gente brasileira, e de uma porção de portugueses, pois. Mas sem os sabores do milho certamente não seriam as mesmas.

Botão dourado que se dá em farta espiga, por meio da alquimia culinária se transforma numa diversidade de ricas iguarias. Cito algumas que provei com sofreguidão, na certeza da omissão sobre tantas mais. No ramo das pipocas, são várias. Num quase improvável processo de mutação o grão seco e duro do milho eclode em uma flor branca estrelada. Serve-se salgada, amanteigada, ou doce, caramelada. Há também uma macia, deliciosa, que brota de outro tipo de grão ou modo de produção.

Para o cozimento o milho “verde” é o melhor, que a rigor não é verde, mas amarelo, cujo fruto é bem novinho. O verde aí é o contrário de maduro, quando o milho resseca e se presta a outras receitas. Leva-se o milho levemente ralado ao fogo em uma panela com água sem sal, para facilitar o cozimento. Ao servir, retira-se a espiga da fervura e mergulha-a em uma salmoura, que lhe faz realçar o sabor.

Milho assado se prepara em fogareiro com carvão, mas bom mesmo é levá-lo às brasas que sobram das fogueiras. Festa junina pra valer não prescinde da fogueira, esse elemento mágico e simbólico que requeenta as noites frias nos sítios e cidades interioranas. Assar o milho nelas faz parte do ritual de culminância da festa, hora de os adultos trocarem uma conversa fiada e uns tragos de cachaça ou quentão. O milho vai ao fogo nu, pelado; há quem prefira assá-lo com as palhas que envolvem a espiga, o que lhe dá um toque sutil de assar sem ficar ressecado.

A versatilidade do milho se desvenda na cozinha. Pratos quentes e frios, doces e salgadas aguçam sabores para os mais distintos paladares. Nas mãos habilidosas de minha mãe, em minha tenra infância, esse fruto generoso da terra se transformava em pamonha, canjica, mungunzá, bolo fofo, bolo liso, broa, cuscuz, polenta, creme, biscoito e mingau. Hoje, sem romantismo e encanto, basta uma passada na padaria.

A cultura do milho é indissociável das tradições católicas como resquíio das culturas pagãs. O plantio se dá em 19 de março, dia de São José. Se chover nesse dia, é inverno certo e fartura no campo, segundo a credence popular. Os roçados com suas terras revoltas se enchem de grãos, que em retribuição farão brotar uma viçosa plantação. O milharal é, de longe, um dos mais belos de se ver.

Meu apego às coisas da terra vem desde os tempos de menino. Lia manuais e anuários para entender o ciclo de vida das plantas. Seguia à risca a receita popular e fazia no pequeno quintal de casa meu próprio roçado. Gostava de ver o broto rasgando a terra em busca de luz. O milho cresce ligeiro, toma forma, se avoluma da noite para o dia gerando em mim um fascínio pela pulsação da vida.

Sem técnica nem conhecimento sobre o manejo apropriado do solo, minha colheita era sempre mirrada. Não importava. O amorismo de minha labuta rural não era a razão da mesa farta de nossas festas juninas. Encantava-me o processo, as mudanças radicais da planta em sua natureza viril. Admirava a boneca do milho que brotava entre a folha e o caule. Extasiava-me o deslumbrante pendão ondulante, prenúncio de maturidade e gratidão.

Era na feira que íamos comprar uma boa mão de milho. Nesse comércio sazonal, uma mão são 52 a 60 espigas, depende da região, que minha mãe escolhia entre os montes espalhados pelo chão. O Mercado Central em junho era ainda mais festivo. Desde cedo, carros, caminhonetes e carroças chegavam sem parar. Vindos do campo, descarregavam milho para a venda; os da cidade, carregavam o milho em quantidade para a longa jornada de produção. As cozinhas se preparavam para um dia de revolução.

Minha mãe se contentava com uma mão e mais alguma espigas “pingadas”. O balaieiro de frete dava conta do transporte, com o auxílio de minha condução. Não perdia uma feira, como parceiro incontornável de minha mãe. Sentia-me feliz em ver o cotidiano em rebuliço, a empostação ritmada dos pregoeiros, o vai e vem das donas de casa em alvoroço.

Não dá para imaginar o ritual do preparo das comidas juninas. Eu não imaginava, eu o vivia. Largava tudo o que tinha a fazer, e não

tinha nada além do lazer, das brincadeiras de rua com os meninos, a pelada no terreiro, a pipa, o baleado, o peão. O dia era longo na cozinha, minha mãe no comando corria agitada para não deixar faltar nada, nenhum detalhe. Graça, quase uma menina, auxiliava-lhe nos serviços domésticos. Eu ajudava como podia.

Um dos trabalhos mais cansativos era retirar as palhas dos miolos. Entre capas e capas arrancadas de cada espiga, o chão cobria-se de um tapete verde que exalava o cheiro doce de folha úmida, quase molhada. Era preciso cuidado ao desfolhar, algumas palhas deviam ficar inteiras para seu uso no preparo das pamonhas.

Desfolhar o milho podia ser também muito gratificante; a textura dos grãos era uma carícia para as mãos. A delicadeza maleável do cabelo do milho, de finos fios vegetais que brotam entre os sulcos na espiga me surpreendiam. Com atrevimento comia o milho verde cru, que me apetecia, e degustava com indisfarçável prazer sob o olhar reprobatório de minha mãe.

Panelas, tachos, moinho, ralador, facas amoladas e muita disposição, o processo era longo e penoso na produção dos pratos, mas feito com dedicação. Depois de desfolhado, o milho era raspado da espiga, os grãos iam para o moinho, que os triturava vertendo um caldo leitoso. O sumo do milho servia para vários preparos, mas os indispensáveis eram os da pamonha e da canjica.

As duas iguarias mais típicas e apreciadas da época partem do mesmo insumo, mas adquirem sabores e formas diversas. A canjica é feita como um mingau, num cozimento que exige atenção e manejo constante para encontrar-lhe o ponto. Ao caldo do milho acrescenta-se açúcar ou leite condensado, uma pitada de sal, leite de coco ou de vaca. Mexe-se por horas, num trabalho braçal extenuante. No final, depois que o caldo já bem espesso e levemente adoçado é colocado

em formas de vidro ou louça para esfriar, uma fina camada de canela em pó dá-lhe o toque final.

Nesse processo todo, um dos momentos mais aguardados e que dava briga feia entre os irmãos era a disputa para raspar o tacho. As sobras do cozimento que colavam no fundo das panelas davam um sabor especial ao resíduo do milho, que até em seu subproduto nos aprazia. Nem precisa dizer que eu ganhava todas, por ser o filho mais velho e por estar mais presente no preparo de suas delícias.

Já a pamonha exige um cuidado redobrado na preparação. Com as palhas faz-se um espécie de cone amarrado em uma das extremidade com fitas da própria palha, às vezes com cordão. O cone é preenchido com o líquido e fecha-se a outra extremidade, adquirindo o formato de um bombom. Daí vai para o cozimento, imerso em uma panela com água.

Como essas folhas seguravam o sumo do milho sem vazar é o que sempre me intrigou. Mais um mistério das mães, que portam seus segredos e caprichos. Os pratos eram servidos à noite numa grande mesa repleta e sortida. Cada um se servia à vontade, com acompanhamento de café ou vinho ou sangria ou quentão. Eu me fartava com as comidas de milho, que marcaram profundamente minha infância.

Enquanto os sabores da cozinha era o campo das mulheres, a estética era o domínio dos homens. Ambivalente, tudo me encantava na preparação das festas. Com o mesmo entusiasmo com que circulava na cozinha, ajudava meu pai a decorar o terraço e a rua com bandeirinhas de papel de seda coloridas. As lanternas sanfonadas serviam de quebra-luz e davam ao ambiente um tom esmaecido e transcendente.

Para a fogueira, recolhíamos as tralhas que se amontoavam no quintal. Não sei onde conseguíamos tanta madeira, ou como podíamos tê-las guardado. Mas o fato é que cada casa preparava sua pró-

pria fogueira, numa espécie de competição pela maior e mais bonita.

Dias antes de junho, meu pai e os vizinhos passavam as noites dedicados à manufatura de um dos mais bonitos símbolos da festa. O balão, louvado em versos e prosa na cultura regional, qual estrelas brilhantes no céu, era o orgulho da criançada e de nossos pais. Não era qualquer balão. A cada ano os homens da rua procuravam superar-se na confecção, em tamanho e beleza, numa diversão de meninos grandes que a mim, me enchia de admiração.

A melhor recordação que trago dessa época foi do último balão que vi fazer. No amplo terraço de seu Disney, nosso vizinho, assistia, fascinado, cada detalhe de sua construção, prudentemente afastado, para não levar um carão. Como verdadeiros engenheiros, qual aeronautas, meu pai e os amigos faziam o enorme zepelim com centenas de folhas do delicado papel de seda. Com cuidado, dobravam cada gomo até fechar a nave, ou o balão.

Não imagino como foi o cálculo para aquilo, se havia um projeto, um molde, algum tipo de esquema para algo tão grandioso. O enorme balão tinha três bocas de sustentação para as buchas de trapo e parafina que iriam enchê-lo com ar quente para sua ascensão. Não foi nada fácil soltá-lo. Vários homens o levantaram com varas presas nas pontas e no meio para dar equilíbrio ao seu corpo horizontal. Brincando, o balão chegava a uns seis metros de comprimento.

Maravilhado vi aquele engenho encher-se de ar por suas bocas em flama. O zepelim de cores vibrantes subiu ao céu, equilibrou-se majestoso e sumiu na escuridão. Em pouco tempo era mais uma estrela a enfeitar a noite. Mais que isso, era quase uma constelação.

14

Através do escuro



A imagem idílica da infância nem sempre corresponde à realidade. Poucos enxergam - quando se dão o trabalho de pensar - que essa fase idealizada da vida não tem nada de angelical, de pureza e inocência, do descompromisso lúdico que tanto se procura retratar. Meus irmãos talvez tenham vivido algo próximo a isso; eu, definitivamente, não.

Nos primeiros anos, antes da progressão da prole, tive toda a atenção de meus pais, não tenho do que me queixar. Por um tempo fui o centro das atenções, a aposta esperançosa de um grande ser humano em projeção. Tampouco devo atribuir à chegada dos irmãos a angústia que aos poucos foi corrompendo a ingenuidade de minhas primeiras impressões.

Admitindo que somos uma construção social, sinto que a desestrutura econômica de minha família, causada pela recessão do início da década de 1960, contribuiu para meu estado de iminente depressão, que se manifestava ora em uma timidez desregrada, ora no medo do abandono ou da falta do pai. Seria injusto atribuir aos pais a responsabilidade por esse estado de morbidez. Nada era explícito em mim, nem poderia sê-lo, se nem mesmo consciência tinha disso.

O gosto pelo desenho, pelos quadrinhos, pelas artes me servia de alento, desde o início percebido por meus pais como uma verve artística promissora, que deveria ser estimulada. Eles investiram com empenho em minhas habilidades, oferecendo-me objetivamente os meios, mais que o suporte para a sensibilidade que me revolia.

Aos meus olhos, os desenhos toscos que fazia não chegavam a ser uma promessa de arte. Jamais deixei de aprender e praticar, na ansiedade por ser mais que um desenhista medíocre. Com o tempo e muita observação, desenvolvi uns macetes que me garantem ao menos um bom nível de comunicação. Em um mundo em que o consumo se sobrepõe radicalmente à criação, saber juntar palavras e dar sentido a garatujas já se torna uma extraordinária forma de expressão.

Por meio do desenho eu falava e me escondia. Com traços passei a ser admirado e mal-compreendido. Boa parte de mim restava subjacente em um silêncio que me consumia, que não sabia exprimir nem entender.

Lia imagens, observava, coloria; passava horas preenchendo campos como quem monta quebra-cabeças cromáticos. Uma imagem em particular me fascinara. A foto em um livro escolar trazia um conjunto espetacular, uma sequência de telhados de uma cidade histórica mineira. Deixava-me absorver pelas linhas desordenadas,

a diversidade de tons vermelho-amarronzados, numa composição que tangenciava a abstração.

A partir da foto, a olho nu, copiei com traços firmes cada telha sobreposta com suas curvas e perspectivas. Guardei a imagem comigo como quem guarda um segredo. Talvez não quisesse submetê-la à apreciação externa que viesse diminuir o meu feito. Preferi preservar sem risco a glória dessa realização.

Com o tempo, desenvolvi o senso de observação sobre a composição das formas, a proporção das coisas, as posturas e expressões humanas. Adquiri além da capacidade de cópia e ampliação a noção de espacialidade que me levou à familiaridade com gráficos, mapas, diagramas, distâncias e orientação. O gosto por desbravar cidades é capaz de vir daí. Em cada lugar que vou logo domino a geografia; salvo Mossoró, onde já estive tantas vezes, mas sigo me perdendo no espriar de suas avenidas de linhas radiais.

Gostava mesmo era de desenhar figuras dos quadrinhos. Desde cedo folheava avidamente os fascículos coloridos de Luluzinha, personagem que tinha minha predileção. O mundo Disney também me fascinava, sobretudo as sagas aventurescas de Tio Patinhas. Com o tempo fui descobrindo Fantasma, Mandrake, Homem Aranha, por quem me tornei fã.

Não é demais lembrar minha habilidade para a ampliação. Em 1967, quando tinha 10 anos, a partir de uma minúscula figura de quadrinhos, com golpes de vista e sentido lógico, fiz um pôster de cerca de dois metros de altura de Mogli, dos estúdios Disney, juntando dezenas de folhas de papel ofício. O resultado impressionou meus pais, que viram ali um talento nato. Para mim, não era mais que técnica, mas o encanto me afagou o ego.

Os quadrinhos críticos, com humor ácido, vieram bem depois, já no final da adolescência. Hagar, Mago de Id, Frank & Ernest, Peanuts, Mafalda, Rango, Fradim me deram régua e compasso - brinco, pois meu desenho era à mão livre -, acenderam em mim a centelha do que viria a ser minha obra - ainda que modesta - no mundo criativo dos quadrinhos. A personagem Maria tornou-se meu alter ego, minha voz, meu grito sobre as inquietudes humanas e as contradições políticas e sociais.

Minha queda para o desenho se mostrou útil para as atividades laborais de minha mãe. Mais que a dona de casa em que se tornara, quase uma escrava do lar, ela tinha que se desdobrar em um esforço hercúleo para complementar a minguada renda familiar.

Em nove anos meus pais tiveram seis filhos; uma progressão desmedida e inconsequente de gestação só interrompida pela intervenção atrevida de tia Dalvinha, que conseguiu para minha mãe uma providencial ligadura de trompas. A situação da família chegava ao limite. O longo resguardo de três meses da cirurgia de minha mãe, na casa de parentes em Recife, resvalava a uma separação. A diáspora dos filhos no período pela casa de parentes e amigos da família resta ainda uma lembrança obscura na memória de cada um.

A inventividade de minha mãe talvez me tenha sido seu maior legado. Em resposta à crise que se abateu sobre o trabalho de meu pai, passou a costurar e bordar para fora. Aprendera na intuição, lendo e praticando as receitas das revistas de moda. No auge dessa função, bordava com capricho viés, rococó, ponto de cruz em roupas infantis para uma conceituada loja da cidade.

Não raro corria-lhe em socorro para marcar as peças a partir do emaranhado de linhas impressas nos moldes que vinham encartados nas revistas. Era um desafio estimulante ver surgir das formas

criptografadas os desenhos que afinal iriam gerar as roupas, fossem tubinhos, saias plissadas, jardineiras ou macacões, fardas escolares ou vestidos de domingo. Carbono e carretilha: instrumentos rudimentares que faziam tudo aparecer, como num passe de mágica.

A máquina Singer de minha mãe me encantava, funcionava tanto a motor quanto no pedal, que ela manejava com destreza. Adorava vê-la rebobinar linhas de um carretel a outro. Custei a entender porque não bastava usar o que já estava cheio. Tinha a ver com a bitola da máquina, cujo interior só comportava pequenos carretéis. A costura era feita com duas linhas, uma do retrós que ficava sobre o corpo da máquina, outra que vinha de baixo, fazendo o arremate num engenho ilógico.

Para as grandes costuras, valia utilizar o motor, mas era nos pequenos cortes que eu gostava de ver minha mãe com suas pernas firmes a mover o pedal em ritmo alucinado. O tuk-tuk da máquina me lembrava uma locomotiva, que não conhecia pessoalmente, mas via nas séries de tv que passavam à tarde. Faltava o piuiiii do apito, substituído pelas arrancadas para dar continuidade à costura após cada parada.

Além dos riscados, ajudava minha mãe quando ela se exasperava para enfiar a linha no fundo minúsculo da agulha. Nem sempre o truque de lambar a ponta da linha dava certo. O cansaço do trabalho, que se estendia noite a dentro, tirava-lhe a paciência. Para isso estava de prontidão. Tornara-me seu companheiro providencial.

A vivacidade e presteza com que garantia o apreço de minha mãe, distanciavam-me cada vez mais de meu pai. Os “dotes artísticos” me projetavam em um status especial na família. Também por ser o mais velho, levava vantagem em relação aos irmãos, com quem disputava a atenção.

Talvez por causa da instabilidade econômica de meu pai, ou, quem sabe, pela proximidade excessiva com minha mãe, sentia cada vez mais sua ausência, quase como uma velada reprovação. Em seu universo masculino exacerbado - um machismo herdado dos rigores de um passado distante, mas que ainda se fazia presente -, a desenvoltura com que eu lidava com linhas e agulhas, cortes e costuras, riscos e bordados não era algo que lhe parecia adequado.

Essa tensão entre a delicadeza e a rigidez se refletia em mim. Não me sentia tranquilo ao me envolver cada vez mais com as tarefas de minha mãe. O que tinha de prazer gerava também certo grau de ansiedade. Inconscientemente, sabia que traçava um caminho inusual. Comparava-me aos poucos amigos. Procurava integrar-me às brincadeiras, até as mais pesadas em que se cobrava força e coragem. Dividia-me entre a brutalidade da rua e a leveza sutil da montagem das roupas.

Certamente não eram os vestidos, calças e blusas que me seduziam, mas o processo construtivo. Assim como fiz o pôster juntando folhas de papel, ficava estupefato com a feitura dos balões - atividade essencialmente masculina realizada por meu pai e os homens de minha rua. Era uma manufatura que exigia cuidado e destreza, o toque leve sobre finíssimas folhas de papel de seda.

Na confusão que me tomava a mente, entre dois mundos antagônicos e, para a época, inconciliáveis, era comum que usasse os longos retalhos das costuras de minha mãe como elemento de fuga, como um refúgio, um esconderijo para meus medos e dúvidas. Nos dias tempestuosos de inverno, em que não se podia brincar na rua, era sob a máquina de costura que me escondia, entre os panos estendidos como uma tenda, um circo improvisado sem picadeiro e sem

funções. Quase sempre ficava só, nessa brincadeira insana, com meu torvelinho de inquietações.

A máquina de costura viria a ser, para mim, mais que um objeto utilitário. Era onde podia sentir ainda vívido o calor das pernas de minha mãe, seu cheiro de leite e de mar. Refugiar-me nessa caverna escura realizava meu desejo de segurança, na ânsia de um retorno ao útero onde nada teria que decidir ou demover.

O clima úmido e o chão frio de cimento queimado criavam o ambiente propício para essa imersão. Fugia da luz que me exigia transparência nas emoções. A penumbra trazia o conforto etéreo para minhas fantasias e ilusões. Pouca ou nenhuma consciência tinha disso, pois a tenra idade não me permitia, mas experimentava sensações de prazer e aconchego. Mas, o escuro que viria a ser um porto aparentemente seguro, também abria as portas para um pantanoso campo de imprecisões.

Ao fugir de um mundo que me parecia hostil, penetrava em um umbral de incertezas e assombrações. À noite, povoavam figuras fantasmagóricas, as mais terríveis ameaças, frutos de minha imaginação. Não havia nada racional em meus temores, mas afloravam com uma força devastadora, deixando-me em um estado quase catatônico.

A casa em que morava nem era de meus pais. Foi cedida por meu avô materno, que a conseguira em um programa habitacional do governo. Era uma casa pequena: sala, terraço, dois quartos cozinha e banheiro. Tudo muito funcional e compacto, mas longe de comportar o ímpeto gerador da família.

Além do casal e os seis filhos, viviam conosco meu avô e meu tio, irmão de minha mãe, bem como uma prima e uma garota que a ajudava nos afazeres domésticos. Esse amontoado que beirava a pro-

miscuidade obrigara meu pai a fazer uma extensão à casa. Ele fez construir um quarto enorme, quase um galpão, onde todas as crianças dormiam, como se estivessem em um acampamento.

Mesmo nessa coletividade não conseguia aplacar o medo que passara a ter do escuro. A hora de dormir era um tormento, momento em que me sentia ainda mais fragilizado. Uma lembrança marcante aflora como corolário desses temores. Em desespero, na solidão, segurava com vigor a frágil mão de um irmão pequeno, que dormia ao meu lado, até eu mesmo entregar-me ao sono. Aquela mão inerte garantia-me o contato com a realidade que naqueles momentos se fazia cada vez mais distante.

Essa atitude marcou-me profundamente. O recurso de agarrar-me a essa espécie de tábua de salvação obrigava-me a encarar o medo. Dependia unicamente de mim a reação à virtualidade desse abismo interior que se me abria como um alçapão. Compreendi que me deixava atemorizar por fantasmas que eu mesmo construía. Nada do que temia era real e com bravura teria que desconstruir.

Uma noite decidi por à prova minha determinação. Antes de todos se deitarem, tranquei-me no quarto escuro e dei margem à imaginação. Deixei fluir todas as apavorantes aberrações. Enfrentei cada resquício dos medos mais obscuros, que se dissolviam em sua abstração. Dormi.

Na manhã seguinte, renasci da claustrofobia que me confinara. Antes que conforto e proteção, o recolhimento ao ventre transformara-se num poço profundo que me levava à seditação. Não tinha mais medo dos espectros nem da escuridão. A vida inteira se abria numa perspectiva de construção. Ao enfrentar meus medos, habilitara-me a todas as lutas.

15

Do começo ao fim



Estava em Montevideu quando minha mãe fez a primeira cirurgia para retirada de um tumor cancerígeno no útero. Soube uma semana antes que o procedimento era inevitável, mas já estava com a viagem marcada e não via necessidade de cancelá-la. Estar por perto ou a milhares de quilômetros não iria mudar o resultado. Minha apreensão continuava a mesma.

Sei que não é o melhor modo de começar esse relato, mas os contos que viria escrever não teriam materialidade sem esse fato dramático. Na altura, nada me passava pela cabeça além da esperança de que tudo daria certo, bem como a certeza que ali tinha início uma

trajetória que em mais ou menos tempo, pouco ou muito sofrimento, levaria indubitavelmente ao fim.

Dona Darcy, ou Cidoca, como gostava de chamá-la meu pai, era uma mulher forte. Enviuvou aos 45 anos e ficou com uma penca de filhos para criar. Dos seis, eu era o mais velho, com 20 anos de idade, muita fantasia e pouca maturidade para assumir uma responsabilidade que sempre me pareceu além de minhas condições. Ou pretensões.

Não se pode dizer que ela tenha falhado na missão que a si mesma induziu, ao tornar-se a reprodutora em série, mantenedora de uma concepção de família que não lhe permitia contrariar o ímpeto machista de meu pai. A luta pela sobrevivência com uma mirrada pensão foi levada com o esforço do trabalho artesanal da costureira que se tornara, sobrepondo-o ao da lide da casa e o cuidado dos filhos, para quem o essencial não poderia faltar.

E o essencial passava de forma irredutível pela educação, como passo evolutivo que ela não pudera ter em sua própria formação. Minha mãe não chegou a fazer curso superior, apenas terminou o ensino médio. Os tempos eram outros. Na década de 1950, na Paraíba, não havia faculdades em abundância e o trabalho se impunha precocemente como meio de vida aos jovens.

Para a mulher, o caminho tido com natural era outro: trabalhar ou casar, sem mais escolha. O trabalho no comércio ou escritório era uma saída remediada. O casamento, um arrimo, quando bem sucedido, e uma prisão. Dona Darcy se submeteu a essas duas vias dolorosas, uma após a outra, enredando-se em um casamento que lhe custou os melhores anos da juventude no papel de dedicada mãe e dona de casa.

As agruras que enfrentou na vida não a deixaram bruta, ao contrário. Minha mãe cultivava certa erudição com sabedoria. Aprendia

com facilidade e se adaptava de forma criativa às situações por vezes difíceis que se lhe apresentavam. Lia muito, sempre que podia. O que nem era tanto ao final de contas, pois lhe restava pouco tempo para seu próprio cultivo.

Herdamos dela, todos, o gosto pelas artes, pela educação formal e muitos dos desvios que nos levaram a caminhos além dos previsíveis e suas mediocridades. Três dos filhos se tornaram professores, um bancário, um artesão, outro jornalista. De um modo ou de outro, destacaram-se em suas especialidades traduzindo em obras e realizações o legado da mãe.

Sem dúvida, veio dela meu gosto pela leitura e a presunção de escrever esses contos, que deixo ao leitor a liberdade de julgá-los meritórios ou não. Não é bem isso o que importa no momento. Embora persiga alguma qualidade literária que não tenho por formação, é sobre a percurso dos últimos anos de minha mãe que desejo relatar.

Só uma semana depois da cirurgia fui encontrar-me com ela, ainda no hospital de câncer. Vale dizer que esse era um dos raros temores de minha mãe e um tabu familiar. O câncer vitimara minha avó, sua mãe, que nem cheguei a conhecer. Esse episódio traumático, em um tempo que nem tratamento adequado havia, produziu os fantasmas que a assombraram para sempre.

A partir daí passei a acompanhá-la cotidianamente. Como na infância me tornara seu companheiro fiel, ajudando a fazer as feiras, a traçar os moldes de suas costuras, intermediando os negócios com seus bordados, agora me colocava à disposição para apoiá-la na trilha de resistência que se vislumbrava. Nada foi fácil para ela, nem para os filhos, os agregados, as dedicadas cuidadoras, as amigas próximas, para ninguém.

Dona Darcy suportou com resignação as inúmeras sessões de quimioterapia, o processo de perda dos cabelos, a peruca ridícula com que disfarçava a figura desfigurada que mal se reconhecia no espelho. Um infarto aumentou a gravidade da situação. Viu a morte nas marcas ao lado soprando com frieza a chama de vidas e deixando corpos destroçados sobre lençóis. Ainda que debilitada, manteve a fortaleza.

O infarto fez com que parasse a quimioterapia, que em consequência lhe trouxe o câncer à ativa. Nova cirurgia, mais quimioterapia, e foi-se consumindo a tenacidade com que se constituía a fibra de minha mãe. Logo foi perdendo o pouco da memória lhe restava. Passava horas em silêncio em sua cadeira na sala, qual trono majestoso de uma rainha deposta de seu comando. Lia pouco. Não se concentrava. As letras miúdas dançavam num ritmo acima do tom de seu torpor.

Até então era a leitura seu lugar de refúgio e essa incapacidade de ler pelas fraquezas do corpo me alertaram. Corri às livrarias em busca de livros apropriados à terceira idade. Ela já ia pela casa dos 85 anos. Não havia nada além da literatura convencional: livros densos, letras miúdas, nem um pouco acessíveis às circunstâncias de minha mãe. Busquei refúgio nos livros infantis com muitas ilustrações e letras graúdas, mas subestimavam seu universo cognitivo.

Na falta, resolvi escrever histórias que pudessem lhe interessar. Graficamente seriam contos curtos, com no máximo dez páginas no formato A5, letras grandes, corpo 14, parágrafos pequenos e espaçados, com salto de linha entre eles. As histórias seriam da infância, de minha infância, num empenho de manter o diálogo vivo com ela, que estava cada vez mais ausente.

Os contos escritos conseguiram animá-la por um tempo. Imprimi os fascículos e fui lhe fornecendo esporadicamente, como uma espécie de folhetim, gerando expectativa e desejo. Não segui a ordem

cronológica dos fatos, deixei-os fluir na intuição, conforme afloravam à mente. Nossa história vinha à tona em um turbilhão de lembranças que a fez resgatar momentos prazerosos de um passado remoto, que de outro modo estaria perdido para sempre. Os contos mobilizaram um fluxo de vida que se fizera vivo na memória de minha mãe. Efetivamente, conseguiram tirá-la da letargia.

Nos últimos meses de vida, depois de cinco anos de luta, já não era mais possível contar com sua presença, havia quase que só um corpo se debatendo pela sobrevivência. Continuei a escrever os contos, que ela já não lia. Fazia-os por mim, para mim, como quem vivia um luto antecipado ao vê-la sumindo aos poucos. Com ela, partia também uma parte de mim. Traçava minhas histórias entrelaçadas com as de minha mãe, que afinal se faziam complementares, indissociáveis.



Henrique Magalhães nasceu em João Pessoa em 1957, mas vive com a cabeça no mundo. Desde cedo sentia-se diferente, não excepcional. A vontade de transformar as coisas, de mudar os destinos imutáveis serviu-lhe para escrever seu rumo, que parecia traçado de forma ordinária. O transbordamento da juventude deu-lhe o combustível para uma vida de rebelião, que se materializou na sexualidade e nas artes - no desenho, na escrita, na performance, na provocação. Maria - a personagem das tiras cômicas que criou - tornou-se seu alterego, suas alteridades, sua maneira de reinventar o mundo.

